

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**  
**CASA DE OSWALDO CRUZ**

***LUNA AROUCA***

**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto – O tempo presente na Fiocruz: ciência e saúde no enfrentamento da pandemia de covid-19

Entrevistada – Luna Escorel Arouca (LA)

Entrevistadores – Simone Kropf (SK), Thiago Lopes (TL), Ede Cerqueira (EC) e André Lima (AL)

Data – 18/03/2021

Formato da gravação – Entrevista remota realizada via Zoom

Duração – 2h 18min

Responsável pela transcrição e sumário – Thaís Patrícia Mancilio da Silva

Responsável pela conferência da transcrição – Alessandra Lima da Silva

Responsável pelo copidesque – Sérgio Ribeiro de Almeida Marcondes

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

AROUCA, Luna Escorel. Luna Escorel Arouca. *Entrevista de História Oral concedida ao projeto O tempo presente na Fiocruz: ciência e saúde no enfrentamento da pandemia de covid-19, em 18 de março de 2021* Rio de Janeiro, Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2024. 35p.

## Sumário

Breve apresentação da formação acadêmica e trajetória profissional. Origem familiar. Inserção e experiência no Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC). Inserção e atuação na Redes da Maré; “Espaço Normal” da Redes da Maré e relação com a população em situação de rua. Relação entre a Redes da Maré e a Fiocruz e suas unidades. Iniciativas da Redes da Maré na pandemia de covid-19: organização, mapeamento e entrega de cestas básicas; levantamento das necessidades da população em situação de rua; apoio às unidades de saúde com a doação de EPIs; levantamento da saúde dos moradores da Maré dentro de suas casas; “De olho no Corona”; Boletim Saúde. O projeto Conexão Saúde: Dados do Bem, SAS Brasil, teleatendimento, atendimento domiciliar. Situação das unidades de saúde da Maré na pandemia de covid-19. Relação do projeto Conexão Saúde com as organizações locais da Maré e a Fiocruz. Processo de constituição, funcionamento e financiamento do Conexão Saúde. A Maré na pandemia: isolamento, uso de máscara, discursos da mídia e do governo federal, as *fake news*. Conexão Saúde e a vacinação. Percepção dos moradores da Maré sobre o SUS. Avaliação, prestação de contas e replicabilidade do projeto Conexão Saúde.

## Entrevista – 18 de março de 2021

SK – Bom dia. Hoje é dia 18 de março de 2021. A gente está aqui com a grande satisfação de fazer essa entrevista com a Luna Escorel Arouca. Eu sou Simone Kropf, estou aqui com André Lima, Ede Cerqueira e Thiago Lopes, da Casa de Oswaldo Cruz. A gente está desenvolvendo, Luna, esse projeto que se chama *O tempo presente na Fiocruz: ciência e saúde no enfrentamento da pandemia de covid-19*. Eu queria agradecer muito a sua presença aqui, a disponibilidade para conversar conosco nessa entrevista. Essa entrevista está sendo feita por Zoom. Eu vou passar então a palavra ao André para ele começar essa nossa conversa. Muito obrigada, querida!

AL – Bom dia, Luna. Antes de a gente começar a falar sobre a sua atuação em projetos de enfrentamento à covid, a gente queria conhecer um pouquinho mais da Luna. Você nasceu aqui no Rio de Janeiro? Quando?

LA – Já tem que começar entregando a idade, não é? [risos] Eu sou de 1987, nasci no Rio...

SK – Você pode entregar a idade tranquila aqui [risos].

LA – A neurose bate em qualquer idade, esse é o problema desses parâmetros da sociedade, mas, bom... Eu sou de 87, nasci no Rio. Eu acho que tem uma questão importante aí na minha trajetória, não é? Ser filha do meu pai [Sérgio Arouca] e da minha mãe [Sarah Escorel], que lutaram muito para a construção do Sistema Único de Saúde. Acho que eles sempre trouxeram para dentro de casa, mesmo de uma maneira bem sutil, eles não ficavam “doutrinando” a gente, mas aquilo era parte do dia a dia da vida deles. Então, eu acho que trouxeram esse senso de responsabilidade cívica e de luta pela justiça social. Além disso, eu fui estudar no CEAT [Centro Educacional Anísio Teixeira], que é um colégio em que muitos pais que eram de esquerda, que tinham esse mesmo pensamento, estavam colocando seus filhos. Eu tive o privilégio de ter professores incríveis e um corpo escolar, que ia desde os funcionários a toda a infraestrutura, que tinham um senso de comunidade. E eu acho que, desde o colégio, eu sempre me interessei por aquilo que não era a minha vida cotidiana, entender o que estava para além desse mundo em que eu vivia, que era um mundo bem privilegiado. Quando eu estava no colégio, eu já comecei a participar de umas ações que tinha no Morro dos Prazeres, que era a favela do lado do CEAT, da construção de uma biblioteca comunitária. Quando eu estava no 2º grau, a gente conseguiu convencer o nosso professor de geografia a levar a gente para o MST [Movimento dos Trabalhadores Sem Terra], porque ele tinha essa conexão com o MST. Então, fomos para um pequeno estágio de vivência e eu fui conhecendo o MST e me encantando pela luta. Aí eu entrei para Serviço Social, foi uma escolha bem aleatória na verdade, aquelas coisas de teste de “para qual faculdade você deve ir” e sei lá o que... E eu li “Serviço Social” e esse nome para mim dizia tudo. E eu falei: “Ah, é isso que eu quero fazer”. Acertei por um lado, eu acho, mas por outro eu continuei dentro de uma certa bolha, porque o Serviço Social na UFRJ é bem marxista, bem também de esquerda. Então confesso que eu demorei para entender que tinha pessoas que pensavam diferente desse mundo no qual eu estava imersa. Eu lembro de uma colega de faculdade falar sobre 1964 e falar sobre a “revolução”. Eu falei: “Mas que revolução?” Ela disse: “De 1964”. E eu falei: “Mas calma aí, eu não estou entendendo o que você está dizendo”. Realmente eu fui, depois, descobrir um outro mundo, que pensava diferente. Na faculdade também me envolvi com o MST. A gente criou, eu e algumas amigas, que

eram de outras universidades que vinham do CEAT, um coletivo de apoio à reforma agrária, chamava NEARA, e a gente fazia isso, levava os estudantes das universidades para acampamentos e assentamentos do MST. Era um processo de 10 dias imerso junto com uma família e 5 dias de formação política, em que a gente trazia várias personalidades para discutir Estado, desigualdade e outras questões teóricas e, depois, eles iam para os acampamentos e assentamentos e voltavam para uma reflexão. Boa parte da minha faculdade, além da formação que eu estava tendo no Serviço Social, teve uma formação política bem intensa junto ao MST. Eu participei de cursos, fui visitar a [Escola Nacional] Florestan Fernandes e eu acho que aí teve um aprendizado muito grande de um movimento de massa, desde a parte mais teórica até a parte prática. E quando eu terminei a faculdade fui fazer uma viagem com uma amiga para conhecer outros movimentos sociais na América Latina. Através desses contatos com o MST e da vida campesina, eu viajei da Venezuela até o Uruguai durante 15 meses, o que foi uma experiência, para mim, extraordinária. Na época, a América Latina tinha muitos governantes de esquerda, então eu pude ver e vivenciar muito das políticas sociais implementadas por eles, mas também das contradições. Fiquei três meses na Venezuela. Eu queria ficar mais e não consegui e tive que ir para a Colômbia. Foi uma experiência de tentar conhecer diferentes trabalhos de base e diferentes formas de mobilização política. A gente ia de um movimento para o outro. Na verdade, a gente chegava no movimento, conhecia, ficava um tempo e falava: “Queremos conhecer outros grupos, outras lutas. Quem que vocês conhecem?” E eles davam contato e a gente ia assim. E quando eu voltei tinha muito desse desejo de me envolver em um trabalho de base mesmo. Veio a campanha do Marcelo Freixo, na época eu me envolvi na campanha, em um comitê do Largo do Machado, e a gente conheceu um grupo de meninos do Cerro Corá, que é uma favela aqui do Cosme Velho. E quando terminou a campanha eles falaram: “Vocês não querem pensar em alguma coisa junto com a gente? A gente está querendo continuar esse debate lá dentro”. E aí eu e mais duas amigas, das que tinham viajado comigo, falamos: “Vamos! Vamos lá trocar uma ideia”. E a gente começou a ir para lá, conversar e a discutir política e segurança pública. E essa conversa e esse envolvimento viraram um coletivo também, que é o “Cerro Corá Moradores em Movimento”, a gente fazia parte de alguma forma, como colaboradoras. E a gente ajudou a construir uma biblioteca e depois um museu da comunidade, com fotos e, eventualmente, um pré-vestibular. Eu tive todo esse envolvimento e aí eu conheci o meu namorado, atual marido, que estava indo para a França fazer um mestrado. Então eu saí de tudo isso e fui para a França fazer um mestrado. Não sabia francês, não sabia nada, mas deu tudo certo, consegui fazer o mestrado lá. Fiz um mestrado sobre o movimento de 2013, a gente tinha participado intensamente das manifestações, e uma discussão sobre a mudança da relação das pessoas com a política. Voltei para o Brasil depois disso, entrei para o CESeC, que é um Centro de Estudos de Segurança Pública e de Cidadania, onde eu comecei a trabalhar com um grupo de jovens que eram de várias favelas para discutir a política de drogas a partir da perspectiva deles. E aí eu tive a oportunidade de conhecer outras favelas: a Maré, o Alemão, Cidade de Deus. Fiquei três anos nesse projeto e foi quando me convidaram para ir para a Maré para coordenar o Espaço Normal, que é o espaço de referência sobre drogas, que eles estavam construindo um espaço físico. E aí eu fui para a Maré. E aí eu não sei se continuo daí mesmo...

AL – Ô capacidade de síntese, hein. [risos]

LA – Resumi 32 anos.

SK – Posso fazer uma perguntinha antes de você continuar?

AL – Claro, Simone.

SK – Não sei se você vai mudar de assunto, André.

AL – Não, eu ia voltar um pouco ainda. A sua mãe defendeu uma tese com o título: “Vidas ao léu”. E trabalhou com moradores em situação de rua. Pelos cálculos da sua idade você estava no ensino médio lá no Centro Educacional Anísio Teixeira. Você participou de alguma intervenção? Porque ela fez pesquisa de campo, etnografia. Se sim, qual foi essa experiência? Poderia contar um pouquinho para a gente se isso de alguma forma também ajudou a moldar a Luna que hoje a gente conhece. Principalmente com essa experiência na Redes [da Maré].

SK – Eu vou complementar, um pouco no sentido do que o André perguntou, Luna. Eu não falei no início, mas a partir da narrativa que você fez sobre a sua própria trajetória e origem familiar, eu queria deixar registrado que para a gente da Casa de Oswaldo Cruz é uma honra, de fato, acompanhar a sua trajetória. Filha de Sergio Arouca e Sarah Escorel, que são nomes tão importantes para a história da saúde, para a história do Brasil. Eu acho que a gente tem que reconhecer isso. Como eu estava falando antes da entrevista... Sergio Arouca é o patrono da Casa de Oswaldo Cruz, um nome tão importante na construção da democracia na nossa instituição e da saúde no Brasil. E aí, agregando à pergunta do André, como é que foi nesse processo todo de escola e depois de faculdade ser parte dessa família? Você falava disso? As pessoas reconheciam isso? Como é que era falar da sua origem familiar?

LA – É bem engraçado, tem até uma anedota que eu conto ... Quando eu tinha uns 8 anos de idade, eu convenci a minha avó a me levar para a Disney, porque eu queria muito ir para a Disney e meus pais não tinham dinheiro para me mandar para lá. E minha avó falou: “Beleza, eu já levei os meus outros netos, vou te levar”. E conversa vai, conversa vem, perguntaram para mim o que os meus pais faziam, naquele grupinho ali, e eu falei que o meu pai era deputado e que a minha mãe trabalhava debaixo da ponte. E aí eles foram perguntar para a minha avó como é que era isso, porque o meu pai era deputado e a minha mãe trabalhava debaixo da ponte. Porque ela estava fazendo o trabalho dela com populações em situação de rua e eu sabia que ela ia para debaixo da ponte para conversar com as pessoas. Essa era a minha visão como criança. E parecia uma loucura. [risos] Ficaram na dúvida. [riso] O que era que a minha mãe estava fazendo debaixo da ponte? Então é bem interessante isso, como é que se constrói a nossa consciência e percepção do que está acontecendo à nossa volta. Por isso que eu falei no início, eles estavam lá em casa, era a luta deles, era o cotidiano, mas eu demorei muito tempo para entender o que eles faziam. Quando eles diziam que eram sanitaristas, eu não entendia. Eu achava que tinha alguma coisa a ver com vaso sanitário, sabe? O que é sanitarista? É um nome muito estranho. Então eu me lembro assim... Quando o meu pai morreu eu tinha 15 anos, eu era muito nova, eu era muito apegada a ele. Eu era filha temporã. Nós somos quatro, mas o meu irmão mais velho é 16 anos mais velho do que eu, ele é filho do meu pai com a [Anamaria Testa] Tambellini. E com as minhas irmãs, eram 5 e 6 anos de diferença. Então, eu vivi muito com ele a parte da política, das campanhas, de ir para a rua, de panfletar. Eu lembro de estar de patins panfletando para ele, inventar música para ser o jingle e ficava muito nessa vivência que era... Como ele tinha que estar comigo, tinha reunião de partido, eu ia para as reuniões do partido, via as figuras que eu falava mal, eu achava que eram muito chatos, porque falavam para caramba. Essa vivência era muito

pouco clara para mim, de que era uma coisa diferente das outras pessoas, porque era meio que a minha vida aquilo. Quando eu entrei na faculdade de serviço social... Eu passei em 1º lugar e o professor veio falar comigo. E ele veio me falar assim: “Nossa, é um orgulho você ter passado em primeiro lugar na nossa faculdade e ser filha dos seus pais”. E eu já tipo: “Nossa, que diferenciado isso aqui....”. E, realmente, na faculdade eu comecei... Eu tinha 18 anos de idade, não é? A entender que tinha uma coisa ali que era meio diferente, que o meu pai era realmente bem conhecido. Eu fui fazer um curso de espanhol e a secretária do curso quando viu o meu sobrenome falou: “Eu não acredito! Você é o que do Sergio Arouca?” Eu falei: “Filha”. E ela – “Ah, eu acompanhava o seu pai na TV! Ele era incrível!” E eu fui me dando conta, até que teve uma hora que eu cheguei em uma aula sobre o SUS e as referências eram o meu pai e a minha mãe e todos os seus amigos, minha madrinha, o meu padrinho, todas as pessoas que conviviam lá em casa. E aí eu: “Bom, então realmente tem um negócio aqui que é diferente”. Eu não tinha a perspectiva do que o meu pai tinha feito. Zero. Assim, a vida com ele era uma vida que tinha essa coisa da política, mas tinha a vida em casa, que era ficar junto. Ele fazia roupa para as minhas barbies, sabe?

SK – Que máximo.

LA – Ele era muito artista. Muito. Eu acho que se ele não tivesse tido que lutar por um Brasil mais justo ele teria sido um grande artista. Ele desenhava muito bem e eu adorava desenhar com ele. E ele cortava os tecidos para fazer as roupas das nossas barbies e a gente adorava isso, eu e as minhas irmãs, ele fazia vários vestidos. Claro, tinha essa vida normal, de família, mãe, pai. Mas é claro que tinha umas coisas diferenciadas. A minha mãe... Eu lembro de sentar na mesa e tirar dúvida de dever de casa, perguntar coisas históricas e ela discursava... Eu falava: “Mãe, eu só queria uma resposta objetiva”. Claramente eles eram muito intelectualizados, eles tinham muita capacidade retórica. Meu pai levava isso para a vida cotidiana. Ele contava piadas, histórias, e quando você via estava todo mundo escutando e rindo, então ele tinha essa capacidade retórica de envolver as pessoas. Eu acho que demorei muito tempo para entender isso. Quando eu fui para a Maré trabalhar ... Eu estava trabalhando muito mais com favelas e movimentos de juventude, e quando eu fui para a Maré, um trabalho que era com drogas, populações em situação de rua, eu comecei a falar para a minha mãe: “Olha só eu seguindo os seus passos”. E ela sempre foi uma referência para mim em tudo o que eu escrevia, tudo o que eu pensava e até hoje a gente conversa muito. Eu levo as coisas que eu estou pensando, a gente chegou a escrever um artigo juntas uma vez, sobre participação social, quando eu voltei do mestrado na França. Com ela sempre trocando ideia. Só que eu achava, eu dizia assim para as pessoas: “Ah, meus pais já contribuíram muito para a saúde pública, eu não vou me meter nessa onda”. Porque no serviço social a saúde pública é um grande empregador, é um grande campo de trabalho e eu achava que eu não ia para esse lado. E aí veio 2020, a pandemia, e no meu trabalho lá na Redes da Maré a gente era a equipe que mais dialogava com as Unidades de Saúde por conta do atendimento com as populações em situação de rua. Eu conheci a gerente, conheci o consultório na rua, conheci os CAPS [Centro de Atendimento Psico-Social], tinha essa interlocução. A gente fazia um atendimento conjunto para a população entre os vários equipamentos. E quando veio a pandemia e a Eliana [Sousa Silva], que é a diretora da Redes, começou: “Vamos pensar em uma frente de saúde”. Ela foi conversar inclusive com Nísia [Trindade Lima]: “Olha, o que a gente pode fazer para a Maré?” Disso inclusive veio o Conexão Saúde, que a gente vai falar mais para a frente. E eu estava coordenando o Espaço Normal, me envolvendo e liderando ali internamente esses processos de frentes na área da saúde. Eu

escrevi um texto em um momento, que eu postei no Facebook, que era sobre como eu encontrei o meu pai nessa luta. Porque eu comecei a encontrar todo mundo da Fiocruz. E aí eu encontrava o Valcler [Rangel Fernandes], fui encontrar a Nísia. E a gente foi em Manguinhos e a gerente da UPA de Manguinhos... Todo mundo me falava essa mesma sensação de que vocês falam: “Ai, que felicidade de te ter aqui”. E eu me sinto meio culpada, porque eu não fiz nada disso que eles fizeram, eu sou só a filha deles. É claro que agora eu estou dando os meus passos, mas... As pessoas ficam muito felizes de me ver e, claro, para mim é uma sensação de extrema felicidade, porque é uma sensação de amor e de orgulho do que eles fizeram, mas eu fico meio, tipo: “Estou me beneficiando de algo que eu não fiz”. Porque as pessoas vêm e dizem: “Ah, que bom que você está aqui”. E eu falo: “Gente, não fiz nada disso”. Tem esses sentimentos contraditórios obviamente, mas eu acho que 2020 foi um ano em que eu me envolvi muito com a saúde pública e em que eu pensei muito no meu pai e senti muito a falta dele. E, ao mesmo tempo, eu fui muito fortalecida por esses olhares de pessoas que trabalharam com ele ou que tiveram ele como referência. Isso me deu muita força para seguir. Eu acho que, no geral, é uma sensação de felicidade, sei lá, porque, de que forma, em alguma coisa do universo, mesmo eu tentando fugir da saúde pública, cá estou eu, trabalhando junto com a Fiocruz e fazendo um trabalho na área de saúde. [risos]

SK – Só antes do André seguir... Isso que você falou, esse sentimento contraditório, é interessante. Quando eu abri a entrevista, deixei de falar disso intencionalmente, sobre essa questão da tua origem familiar até para ver como é que você ia falar disso. Porque, ao mesmo tempo, tem isso que você falou, essa expectativa, tantos sentimentos. São coisas ótimas, são coisas muito boas, de uma enorme admiração pelo que os seus pais fizeram e pelo que eles são. É um tom pessoal que você traz, uma emoção. Eu acho que a gente tem que falar das emoções também, não é? Porque realmente, nesse contexto em que a gente vive, eu imagino o que significa para você, nesse contexto, ter essa atuação no âmbito da saúde pública e poder, como você falou, de alguma maneira, ter esse contato com o seu pai. Bom, com a sua mãe, claro, mas com o seu pai... Então, eu queria deixar isso registrado porque acho que é uma característica específica da sua trajetória e que traz para a história desse momento uma dimensão muito especial, sobre como a gente lida com os sentimentos, com emoções...

LA – É, esses dias eu estava pensando sobre isso. Quando o meu pai morreu eu tive muita dificuldade de lidar com a imagem dele, eu escondi as fotografias, não queria ver vídeo que tinha de entrevista dele, na 8ª Conferência [Nacional de Saúde]. Foi uma coisa bem de dor. E obviamente, é uma perda significativa, mas eu acho que ao longo do tempo, como tudo cura, você consegue transformar esse sentimento em um outro lugar. Hoje em dia, quando eu vejo os vídeos e as pessoas vêm falar comigo, o sentimento que me provoca é um sentimento de felicidade e de presença. O texto que eu escrevi era isso, eu te encontro na luta, porque mesmo que ele não esteja presente aqui comigo fisicamente, na luta o tempo todo as pessoas me fazem lembrar dele e da energia dele e dessa capacidade impressionante que ele teve de se dedicar à construção de algo que alterou a vida dos brasileiros e brasileiras desse país. Então é excepcional. E lembrar dessa energia diante da pandemia, que parece um desafio tão gigantesco, tão enorme assim, tão difícil de conquistar e aí pensar em quantas pessoas lutaram para o SUS existir, o que parecia tão impossível, tão inacreditável, dá uma sensação de tipo: “É, vamos lá! Vamos seguir na luta, não é?!”

SK – Legal, legal. André, pode seguir.

AL – Participação social foi o seu tema de mestrado. E a questão de atuar em territórios de favela, que são territórios conflagrados, algumas pessoas usam até a categoria “territórios de exceção”. Eu queria ouvir um pouco mais da sua experiência lá no Centro de Estudos e de Segurança Pública e de Cidadania. Eu sei que você teve um trabalho com juventude. E aí é uma pergunta dupla. Na sequência, como é que você tratou esse tema, a participação social, na sua dissertação? Quais foram as questões? Até me interessa particularmente, também foi o meu tema de pesquisa. Aliás, eu conheço o artigo que você escreveu com a sua mãe, muito interessante e muito bem citado por outros.

LA – André, é uma pena que a gente tenha se conhecido no meio da pandemia e que a gente não consiga trocar mais figurinhas, não é? Porque eu acho que a gente tem muita coisa para trocar, realmente. Não sabia que você tinha trabalhado também esse tema, acho superlegal. Começando cronologicamente... No mestrado foi isso, eu tinha passado meses viajando e conhecendo processos de mobilização e participação, cheguei no Brasil em 2012. E em 2013 estouraram as manifestações. Como militante, eu estava sempre em manifestação. Tinha manifestação no centro, eu estava lá. Eu era estudante, tinha tempo, estava sempre lá, aquelas manifestações pequenas, aquela coisa de sempre, aquele mesmo grito de ordem e de repente, em uma manifestação tinha a maior galera. Eu falei: “O que é isso?” E na seguinte muito mais gente. E aí realmente foi aquela sensação que saiu até na mídia, do tipo: “O que está acontecendo?” Porque sempre teve condição política de desigualdade, de absurdos no meio do transporte ou em quaisquer outras questões e não tinha tido essa efervescência assim. Então eu vi aquilo crescer. Quando foi a manifestação de 1 milhão, que tinha todo esse atrito contra a esquerda, contra as bandeiras, eu e o meu namorado ficamos junto com a galera que era de partido, tentando fazer ali um suporte. O meu namorado levou um soco na cara de um desses caras agressivos, fomos parar no hospital. Então foi aquele negócio assim, tipo: “O que está acontecendo?” Quando eu cheguei na França, que era zero a minha opção de vida... Eu nunca imaginei que ia para a França com toda essa trajetória de movimento social, América Latina, favelas, eu me achava superdiferentona, e eu estava lá indo para a França, para ir para uma faculdade que era referência nas Ciências Sociais. Eu falei: “Gente, o que eu estou fazendo aqui?” Mas o amor é o amor, eu estava lá apaixonada, com possibilidades de família de poder estar lá. Eu falei: “Bom, se eu tenho esse tempo para estudar, eu vou estudar o que foi essa parada que aconteceu”. Porque, obviamente, muita gente estava interessada em tentar entender e muitos livros, artigos, tinham saído. Mas o que eu tentei estudar foi saber qual era a diferença da relação das pessoas com a política. O que estava se alterando? Essa relação com o Estado, essa relação com a luta. Como é que o próprio neoliberalismo, individualismo, estava se impregnando nas formas de as pessoas participarem, o que, por um lado, gerava essas grandes mobilizações e capacidades de expressões estéticas, mas que, por outro lado, tinha muita dificuldade de dar continuidade, porque eram indivíduos com suas próprias bandeiras, sem questões coletivas envolvidas. Então, eu fiquei tentando entender isso. E não tentando estigmatizar, saber se era “certo” ou “errado”, mas mostrando as potências e as problemáticas disso. E apontando um pouco para o que eu achava que ia acontecer, que era diferente da Espanha, por exemplo, que tinha tido a condução de uma formação de um partido, de uma formação de um caminho, que não dava conta da pluralidade, mas era um caminho, e que no Brasil isso não ia acontecer, não vinha acontecendo e que esse movimento ia se dispersar. Foi o que aconteceu. No caso, de uma maneira pior ainda, porque veio a direita para se apropriar desse movimento. Quando eu cheguei no Brasil apareceu essa vaga do CESeC, que era na área de política de drogas, que não era exatamente a minha área, mas eu, durante a faculdade, tinha me

envolvido muito com segurança pública. Eu fiz um estágio em um núcleo interdisciplinar da UFRJ, a gente fez uma parceria na época em que o [Orlando] Zaccone [D'Elia Filho] era delegado de Nova Iguaçu. A gente foi para as delegacias de Nova Iguaçu para tentar construir as conferências livres, que eram parte da estrutura da Conferência de Segurança Pública, que era a primeira que estava acontecendo. Eu tinha uma proximidade e interesse com essa temática, apesar de que, até hoje, o que eu queria estudar era participação, mas a vida vai me levando para outras coisas e eu vou indo. Eu me envolvi bastante com a segurança pública. Eu estava meio desesperada, porque quando a gente estava na França, meu namorado falou: “Ah, vamos continuar e fazer o doutorado? Vamos tentar fazer o doutorado para o México?” A gente queria voltar para a América Latina. Aí eu falei: “Cara, a situação da Dilma [Rousseff] está muito ruim. Eu não consigo mais ficar aqui. Vamos voltar para o Brasil. Eu sei que a gente não vai fazer grandes mudanças, mas eu preciso estar lá. Não quero ficar mais fora do Brasil, eu quero voltar de qualquer jeito”. Eu estava desesperada, uma sensação... Eu organizei manifestação quando a gente estava lá. Manifestação de 20 cabeças, mas eu estava angustiada de estar longe. Então a gente veio, tinha que conseguir um trabalho, não é? E aí apareceu essa vaga, eu tentei super achando que não ia rolar e na verdade rolou muita conexão com o meu histórico com o MST. Porque uma das questões da política de drogas é que é um grande tabu, a gente tem que construir contranarrativas e tem que incidir socialmente para mudar a visão da população também em relação a isso, que era muito da questão da reforma agrária, do MST, de como é que a gente falava sobre questões que eram mal vistas. Meio que casou. A Julita Lemgruber, que era a pesquisadora de referência, topou e falou: “Então, vem”. E aí eu achei que ia ser uma coisa legal e na verdade foi extraordinária, porque estavam começando movimentos que eram... Inicialmente era juntar 10 jovens de favela para discutir política de drogas durante um final de semana, era só isso. Eu entrei começando a organizar isso. E foi tão espetacular aquele final de semana, aquele encontro de pessoas tão extraordinárias... Pessoas que hoje em dia estão aí também fazendo grandes mudanças: Raull Santiago, MC Martina, Daiane Mendes, Tainã, Karina, Jessica, todas pessoas maravilhosas. Então a gente falou: “Bom, não dá para parar aqui, não é? Vamos dar continuidade, vamos criar um coletivo, mas dentro dessa institucionalidade que era o CeSeC”. E a ideia é que o CESeC ajudasse então a produzir a formação deles, trazer pesquisadores, referências e eles construíssem essas narrativas a partir dessa dialética ali com esses pesquisadores e essas referências. E aí a gente fez cartilha, começou a ir para as escolas para discutir as cartilhas, os dados, o que era a política de drogas, qual era o impacto sobre a juventude. Fez eventos no Alemão, na Maré, na Cidade de Deus, ficamos três anos nesse processo. E eu conheci muito o trabalho da Redes [da Maré], inclusive porque vários eram moradores da Maré e o Henrique Gomes, com quem eu trabalho hoje em dia, já trabalhava na Redes e eles tinham um trabalho nessa cena de consumo, conhecida como cracolândia, dentro da Maré, então eu fui conhecendo. E quando eles foram para esse espaço físico eles me chamaram, falaram: “Você não quer então continuar esse trabalho, mas lá na Maré. Vamos lá coordenar esse negócio aí”. Eu adoro uma aventura, não é? Aí falei: “*Demorou*, então vamos lá”. Mas eu acho que, pessoalmente, trazendo essas coisas de sentimentos, a Maré sempre de alguma forma atravessou a minha vida. Eu tive um professor, o Leon, no colégio... ele dava aula no pré-vestibular da Maré, no CEASM [Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré], então ele já tinha me levado para lá e em uma época em que a gente estava... Antes da campanha do Marcelo Freixo, lá atrás, a gente foi para uma reunião na Maré, inclusive com a Marielle [Franco], não lembro se a Renata [Souza] estava na época. Eu lembro de ver a Marielle falando e falar: “Gente, quem é essa mulher?” Tipo, *sinistro* assim... E depois eu me envolvi na campanha dela, dentro do possível, mas organizei os comícios domésticos para os meus amigos

conhecerem ela, fizemos campanhas. E eu acho que, quando ela morreu, a sensação é que tinham matado o meu sonho de acreditar que a gente estava em um processo de transformação e eu fiquei, obviamente, arrasada, como muitas das pessoas que tiveram a possibilidade de conhecer ela. E eu acho que o convite de ir para a Maré era uma forma de continuar essa luta... *Cara*, ela veio da Maré, estão me chamando para ir para lá, acabamos de perder ela, eu vou lá também ajudar nesse processo de construção. Não vamos dar um passo atrás, não é? Eu acho que a Maré tinha vários significados para mim e aí eu topei essa aventura.

AL – Marcelo Freixo, Marielle... Você chegou a se filiar a algum partido ou foram militâncias pontuais? Quer dizer, militância permanente, mas pontualmente nessas campanhas eleitorais?

LA – Não, eu acho que esse foi um dos aprendizados que o meu pai me trouxe, cara. Ver um partido político, mesmo que vendo a partir de um olhar de uma criança, por dentro, é um negócio bem complicado. Eu vi o meu pai sofrer muito, muito! Quando ele foi ser secretário do Cesar Maia ... Eu era pequena, hein? Eu achava que aquilo já era uma loucura, eu achava que o Cesar Maia – espero que ele nunca veja esse vídeo –, mas eu o odiava, eu achava que ele tinha cara de diabo. E o meu pai falava: “Não, mas o que a gente vai fazer...” E eu lembro dele falando da possibilidade de construir uma saúde e blablablá... Foi demitido por e-mail. O meu pai ficou arrasado. Eu lembro que ele foi para o cinema e chorava, aos prantos, ele era um cara muito sensível. E eu via como é que eram as coisas dentro do partido, eu acho que de uma maneira até menos racional e mais energética, eu nunca achei que o partido era o meu caminho. Eu sou super grata às pessoas que topam fazer essa construção, ainda bem que elas existem. Tenho muitos amigos que estão dentro de partido e eu acho que eles são heróis para aguentar o tranco porque a estrutura da política partidária pode ser muito cruel, mas onde me dá prazer é nos movimentos sociais. O que eu gosto de construir são esses processos que são mais coletivos, que são mais trabalho de base, mais ali... Aliás, uma das coisas que eu mais critico nos partidos é que eles gastam muita energia tentando disputar a eleição e o trabalho de base não acontece. Por isso também é que a gente está na situação em que a gente está. Então eu nunca me filiei, mas sempre me envolvi em campanhas políticas. Aliás, 2020 foi uma das coisas mais estranhas que me aconteceu, foi ter eleição e não ter adesivo na minha casa, não ter panfleto na minha casa, não ir para a rua e eu fiquei: “Caraca, que coisa estranha! Eu vou votar e nem me envolvi em nada”. Depois da Marielle, eu fiz a campanha da Mônica Francisco, que também foi lá para casa, também fez comércio doméstico. Eu sempre tenho os meus candidatos e tento contribuir nisso, mas nunca me filiei.

AL – Perfeito. Antes de a gente chegar no Conexão Saúde, para entender... Você chega na Maré e é convidada para trabalhar junto aos dependentes químicos em situação de rua. Explica para a gente o que é esse Espaço Normal, como é que se deu essa institucionalidade dos contatos com os órgãos dos equipamentos de saúde na Maré. Qual é a abrangência? A Maré é bastante extensa, tem grupos de controle armados distintos. Esse trabalho é em toda a Maré?

LA – Então, esse projeto começou em 2015 ... A Redes é uma organização que trabalha há anos na Maré, criada por moradores da Maré e que age muito na questão de acesso dos jovens às universidades públicas, está do lado da UFRJ... Na época eu acho que era 0,2% dos jovens que entravam nas universidades públicas. Moradores que tinham acessado isso

voltam e falam: “Bom, então a gente tem que fazer alguma coisa nesse sentido”. Em algum momento, tem uma divisão desse grupo, inclusive o CEASM e a Redes e o próprio Observatório. E a Redes vai crescendo e desenvolvendo outras frentes. Hoje em dia são 4 eixos: educação, segurança pública, desenvolvimento territorial, e arte e cultura, são mais de 40 projetos, 7 equipamentos, somos 200 tecedores, que é como a gente chama os trabalhadores da Redes, os tecedores dessa rede. E uma das grandes questões é o desenvolvimento territorial. Então, nesse processo das UPPs, de instalação e de mudança das dinâmicas, teve grupos de pessoas que faziam uso de crack em situação de rua que se deslocaram do Jacarezinho e vieram pela Avenida Brasil e em algum momento foi permitido que eles adentrassem a Maré e eles se instalaram ali na rua Flavia Farnese. O que tem uma dinâmica um pouco diferenciada, porque, como não são moradores de rua que estão sendo o tempo todo expulsos e perdendo as suas vinculações, como eles estão ali de uma maneira mais fixa, é quase uma moradia precária, não é? Em uma esquina, vários barracos, inclusive alguns deles chamam de chalés. A Redes entendeu que isso era uma questão e que a organização tinha que entender como ia contribuir e o que ia fazer. Então ela desloca uma equipe para começar a fazer essa aproximação e conversar com os moradores dali. Entender se eles tinham acesso aos equipamentos de saúde, de assistência, qual era o perfil dessas pessoas. Quais eram as demandas? E fazem também intervenções artísticas, levam filmes, fazem uma ação de fotografia com uma fotógrafa, a Tatiana Altberg, que acompanha a gente até hoje. Então vão fazendo atividades e se vinculando e criando essa construção meio conjunta assim. E uma das pessoas que era uma grande ponte entre a equipe e esse lugar era conhecido como Normal, ele tinha esse apelido, e em um momento quando a Redes já estava alugando um espaço e fazendo a reforma desse espaço para ter um espaço físico para esse projeto o Normal foi alvejado em um conflito e morreu, faleceu. E era uma grande perda, porque ele era uma liderança ali, uma pessoa que fazia tudo. Até contam que ele estava resolvendo um problema elétrico quando foi alvejado. E ficou meio que consensuado de que o espaço teria o nome dele como homenagem, a gente acaba brincando um pouco com esse conceito. A luta antimanicomial não gosta muito desse conceito de normalidade, mas a nossa brincadeira é exatamente essa. Ao invés de tentar colocar as pessoas em conceito fechado, implodir o conceito de normalidade. Todas as pessoas são normais, usar drogas é normal, passar por dificuldades é normal, então a gente tenta brincar com isso. E a gente inclusive fala que as pessoas que frequentam o Espaço Normal falam “os normais”, não é? Imaginando a estética da normalidade, eles nunca seriam entendidos como “os normais”. Mas esse espaço físico foi alugado e é um prédio em que a gente ocupa dois andares. O andar de baixo é tipo uma casa, a gente tem uma porta de garagem, tem banheiro, ducha, cozinha e uma sala de estar. E a gente vinha então abrindo esse espaço todos os dias à tarde para um uso livre. As pessoas podiam vir, tomar banho, lavar roupa, cozinhar, ficar batendo papo, jogando cartas. A gente trabalha a partir do conceito de redução de danos, que é a ideia de encontrar junto ao usuário aquelas ações que vão melhorar as condições de vida dele, de saúde dele, dentro daquele momento, do que ele pode fazer, do que ele deseja. É uma construção que tem múltiplas ações, que pode ser desde emprestar o celular para ligar para a família, até acompanhar na unidade de saúde, até ajudar a retirar um benefício, até conseguir um abrigo. Na verdade, a gente trabalha com várias dimensões de vínculo, então têm vínculos que são institucionais, têm vínculos que são familiares. A gente, a partir daí, foi aprimorando ações que já vinham acontecendo anteriormente. A gente tem uma frente de geração de renda, tem uma frente de participação e envolvimento na cidade, que são os entre fluxos, que a gente sai para passear de barco, para ir ao cinema, para ir ao shopping, para ir no museu. Então eles falam muito sobre essas vivências. Ontem eu estava conversando com a Lilian, que é uma das lideranças lá na Cena e ela me falou isso:

“Ah, eu estava brigando com a presidente da associação dos moradores”. Porque choveu para caramba lá na Maré e aí caiu uma árvore na Cena. E aí à noite ela foi na associação de moradores e falou: “Olha, caiu e eu preciso ligar para onde? Para os bombeiros?” E a presidente da associação foi meio ríspida com ela. Tipo: “Cara, vai chamar o bombeiro. Até parece que os bombeiros vão vir”. E ela ligou para os bombeiros e explicou: “Olha, meu nome é Lilian, eu sou usuária aqui da Cena, a gente mora aqui e caiu uma árvore. Eu preciso que venha”. E o cara falou: “Pode deixar, dona Lilian. A gente vai aí”. E ela falou: “Sabe o que é isso? Isso vocês me ensinaram. Porque quando a gente ia no shopping e a gente sentava e comia pizza, ia para o cinema e pedia pipoca... A gente também pode aproveitar esse espaço. As pessoas têm que ter respeito com a gente”. Então tem essa dimensão de criar um espaço para as pessoas que estão em situação de rua, que parece até meio contraditório, mas um lugar de identificação, onde, a partir daí, desse lugar de pertencimento, eles possam se vincular a outras coisas. Acaba que as pessoas que vêm para o projeto vão fazer cursos na Redes depois, em outros setores da Redes, voltam a estudar ou fazem curso de gastronomia na Casa das Mulheres ou vão ver uma exposição ou um show no Centro de Artes. Então a gente foi percebendo o quanto existir esse lugar para eles permitia com que eles se sentissem mais à vontade em adentrar outros espaços da Redes e da Maré. A gente tem vários projetos, inclusive alguns que fogem também do escopo dessa população em específico, que é ir para as escolas e discutir com os jovens política de drogas e ir às unidades de saúde e fazer oficinas sobre essa temática. Então a gente também tem uma frente de sensibilização do território assim. Eu tentei resumir, é que é tanta coisa do Espaço Normal que é mais difícil.[risos]

AL – Você poderia, só para a gente datar quando foi isso, dizer se nesse movimento, nessa atuação, já existia algum contato da Redes, a partir do seu projeto, com a Fundação Oswaldo Cruz? Havia algum debate em torno dessas questões? Alguma proximidade com a ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca]? Museu da Vida? Algum tipo de interação nesse sentido.

LA – A gente até brinca, não é? A Fiocruz é gigante, então tem várias coisas que vão acontecendo e às vezes a gente nem sabe que tem várias conexões rolando. E eu acho que a Fiocruz é um ator histórico no território. Inclusive quando o Valcler veio, a Fernandinha [Fernanda Vianna], que é uma das coordenadoras, falou: “Cara, eu lembro dos pesquisadores da Fiocruz quando vieram aqui para discutir sei lá o quê lá atrás, não tinha nem Unidade de Saúde”. [Barulho ao fundo]. Isso é o problema de fazer coisas em casa, a obra. Eu acho que a Fiocruz é uma presença, um ator no território. Com a Redes, eu acho que sim, existiam projetos pontuais. Eu não sei dizer exatamente qual, mas não era uma coisa estranha, tem uma relação ali meio histórica, de parcerias, de projetos. Inclusive na campanha, a gente... Na pandemia a gente se inscreveu para o edital de territórios vulneráveis,<sup>1</sup> tivemos apoio da Fiocruz. Fizemos a campanha de informações seguras “De olho no Corona”, junto com a Fiocruz. Tanto que quando começa a pandemia a Eliana [Sousa] vai conversar com a Nísia, tipo: “Vamos fazer alguma coisa”. E eu lembro, quando a gente organizou um evento, que era o Fórum Territorial, o Valcler veio falar. Isso alguns anos antes, devia ser 2018. Eu lembro de escutar ele falar e pensei comigo: “Caraca, que cara excepcional. Tipo, que inteligente, gente. Maravilhoso!” E vir para a Maré... Porque tem gente que tem dificuldade de fazer esses deslocamentos. Valcler está passando pela Avenida Brasil e entra lá na Maré, de surpresa. Então: “Caraca,

---

<sup>1</sup> Edital *Chamada Pública para Apoio a Ações Emergenciais junto a Populações Vulneráveis*, campanha lançada em abril de 2020.

o que você está fazendo aqui?” Esse desejo de estar junto. Então eu acho que sim, tem uma relação histórica com a Fiocruz.

AL – Bom, e aí você já tocou em alguns pontos. Veio a pandemia, a Redes com os seus equipamentos, com as suas atuações. O mundo em um turbilhão de coisas acontecendo, as máscaras, que hoje são consenso, na época não eram, o teste era um grande debate, a questão da segurança alimentar também... Você falou de algumas dessas iniciativas. Antes de a gente entrar no Conexão, se você pudesse comentar um pouco mais sobre essas iniciativas, porque eu acho que elas desaguam ou vão desaguar aí no Conexão Saúde.

LA – É... deixa só eu pegar uma água. É que eu falei muito e agora estou morrendo de sede.

[Luna sai da sala para pegar água]

AL – Simone, essa história sobre a Maré. A Tânia [Maria Dias] Fernandes e a irmã dela, a Ângela, estiveram lá nos anos 80. A dissertação da irmã da Tânia Fernandes tem a ver com o trabalho embrionário ali na Nova Holanda nos anos 1980.

SK – Que legal, interessante. Eu não sabia. Bacana.

[Luna retorna]

LA – Então vamos lá, a campanha. Eu vou tentar ser também concisa, gente, é que foi muita coisa. Quando chegou em março, aí veio o anúncio: pandemia. A Redes parou. Falou: “Bom, a gente não pode continuar abrindo os prédios para os moradores, tem que fechar, porque tem o risco de contágio, mas não podemos deixar de fazer alguma coisa. O que vamos fazer?” E aí começou uma primeira frente, que era segurança alimentar. A primeira questão era: as pessoas vão ficar sem recursos e a gente precisa dar apoio a elas de alguma forma, vamos captar recursos para entregar cesta básica. Gente, foi uma loucura. Porque a gente tinha um telefone de WhatsApp normal, o WhatsApp que a gente entrava em contato com as pessoas que a gente atendia por um dos nossos projetos, que era o Maré de Direitos. Era mensagem normal. E aí, de um dia para o outro, esse telefone virou o telefone de inscrição das pessoas e a gente recebeu 70 mil mensagens. E era impossível responder todas as mensagens e cadastrar as pessoas. Então esse foi o primeiro grande problema. Eu falei: “Deu ruim”, porque a Redes tinha feito um censo na Maré anos antes e esse censo indicava que existiam mais ou menos 6 mil famílias em condição de extrema vulnerabilidade. Então inicialmente a meta era: vamos atender essas 6 mil famílias e as famílias que a própria Redes já tinha identificado que estariam nessa condição, mas vamos abrir um canal para outras famílias que a gente não tenha conseguido estimar e chegar até elas para elas se inscreverem. Cesta básica, loucura. E um dos meus primeiros problemas foi esse, resolver o problema tecnológico da Redes, que era: como vamos responder a todas essas perguntas e a essas mensagens? A gente teve que conseguir, fizemos plantão, contratamos gente só para ficar respondendo e cadastrando as pessoas, tudo atrasou muito e fomos aperfeiçoando esse processo de entregas e adicionando. E depois a gente percebeu que tinha gente que estava duplicada porque escrevia filho, escrevia o pai, aí tinha que fazer entrevista social e contratar assistentes sociais para fazer entrevista social. E tinha gente que tinha perdido o telefone, que não tinha mais contato, aí tem que visitar as pessoas. Então coloca as assistentes sociais para fazer visita domiciliar. Então gente, assim... Loucura! Foi um processo de

logística assim, que eu nunca... Eu vi, eu acompanhei os outros coletivos fazendo e eu falava assim: “Cara, se a Redes, que tem essa estrutura, conseguiu fazer isso, eu não sei como os outros coletivos conseguiram”. Porque era um negócio fora do normal. E no final das contas foram 17 mil famílias beneficiadas com três cestas durante 3 meses, 54 mil pessoas ao total afetadas indiretamente com essas cestas básicas e tal. Eu fiquei um pouco nessa frente, mas depois teve a frente de apoio às pessoas em situação de rua, que era com as quentinhas, então a gente não podia abrir mais o Espaço Normal. A gente fez essa parceria com a Casa das Mulheres, que é outro equipamento da Redes, que já tinha um bufê feito por mulheres da Maré que tinham passado pelo curso de gastronomia da Casa e faziam parte desse bufê, ganhavam a sua renda com ele, que também teve os eventos cancelados. E aí a gente começou a produzir nesse bufê, mantendo a remuneração dessas mulheres, as quentinhas para entregas para as pessoas em situação de rua. Também, inicialmente, era assim... Todo dia entregava 300 quentinhas por dia, foram no total 65 mil quentinhas... uma loucura. No início eu fui para lá para fazer as entregas, para ajudar a criar esse fluxo de trabalho. Aos poucos a gente conseguiu ir entendendo essa dinâmica, e a equipe do Espaço Normal, para além da entrega, começou a fazer o levantamento das demandas de saúde, de assistência, a dar um suporte para as pessoas na rua mesmo, conseguindo ver quais eram os problemas que eles estavam vivenciando e tentar articular: “Ah, tem que ir para um atendimento no CAPS, o pessoal da rua precisa vir aqui”. Então a gente ficava nessa interlocução com os serviços. Nos primeiros meses eu fiquei nessas funções, que era entrega de cesta básica, resolver esse problema das inscrições e populações em situação de rua, entrega das quentinhas. A gente conseguiu um recurso para apoiar as unidades de saúde, aí eu aprendi sobre cotação de equipamentos de proteção individual, porque eu tive que descobrir as empresas que vendiam, fazia cotação de preços, para comprar os equipamentos. Saber quanto era a luva, quanto era o capote, os tipos de capote, os tipos de óculos, os tipos de *face shield*... Na Redes realmente se aprende de tudo. Aprendi todos esses negócios, fizemos doação para as unidades de saúde, de equipamento de proteção individual. Começamos a acompanhar mais cotidianamente, porque eu ia lá para entregar, ver como é que eles estavam. E a gente começou a fazer... É que foi tudo tão junto, eu não consigo nem dizer em que mês as coisas iam acontecendo. 2020 é um sei lá... É só trabalho que aconteceu ali. E aí uma das questões eram as pessoas que estavam com sintomas e não tinham acesso ao teste. Por quê? A gente começou a entregar cesta básica e quando eu ia entregar cesta básica, ou a pessoa que ia lá entregar, a família falava: “Iii, minha prima, minha tia, alguém, sei lá o que... Está com sintomas. Está passando mal”. Aí esse articulador voltava ali para o Centro de Artes, onde estavam as entregas das cestas, e falava: “Olha, essa casa aqui tem fulaninha que está passando mal”. A gente tinha uma equipe, montou uma equipe, para entrar em contato com essas famílias e aí começar tipo: “Ah, está com sintomas? O que está sentindo? Foi na unidade de saúde? Recebeu prescrição? Fez teste? Não fez teste?” E a gente começou a fazer esse levantamento, que se chamou “De olho no Corona!”, e começou a mostrar que tinha uma subnotificação gigantesca. As pessoas que estavam com sintomas e não tinham nem acesso ao teste nem acesso ao diagnóstico. E, a partir desse levantamento, a gente começou ... Ali inicialmente era só uma nota sobre saúde, virou um boletim, foram 25 edições até dezembro e a gente continua esse boletim, mostrando esses dados e confrontando e falando dos principais desafios que a população da Maré estava sofrendo em relação a esse acesso à saúde. E aí a gente confrontava com os dados oficiais, ficava falando: “Oh, a gente encontrou 1500 pessoas, 70% delas não tiveram acesso ao teste, e aí?” E foi nesse diálogo que a Eliana foi para a Fiocruz. A gente estava nessa coisa de: “Então a gente vai ter que fazer alguma coisa”. As pessoas não estão tendo acesso ao teste, as unidades de saúde estão sobrecarregadas, tem gente que

não está acessando o atendimento médico. Eles agravam em casa, porque a orientação inicial do Ministério da Saúde era não ir na unidade a não ser que seja grave. As pessoas não têm condição de fazer autoavaliação. Ninguém que não é profissional de saúde tem condição de fazer uma autoavaliação: “Ah, estou com falta de ar porque eu estou nervosa ou eu estou com falta de ar porque eu estou realmente com falta de ar?” Aí chegavam agravados na UPA, e iam peregrinar por hospitais. Tudo isso a gente contabilizou e tentou registrar dentro do que foi possível e isso permitiu ter um corpo de dados em diagnóstico sobre os principais problemas que estavam acontecendo na Maré na área da saúde. E, nesse diálogo para pensar uma ação de saúde, a gente se encontrou, não é? Eu acho que a Fiocruz organizou esse encontro entre várias organizações, como Maré e Manguinhos, com os territórios que estavam requisitando esse apoio e essa busca por projetos na área da saúde. A gente se juntou com o Dados do Bem, que era um aplicativo que tinha sido criado para facilitar o acesso à testagem; o SAS Brasil, que é uma organização que trabalha com telessaúde, atendimento médico e psicológico; a União Rio, que é uma organização que ajuda a encontrar parceiros para investimento, para ações de combate à pandemia. E nós, então, Redes da Maré e Conselho Comunitário de Manguinhos, juntos nesse esforço de criar o Conexão Saúde, porque aí a gente já tinha, a partir da Maré, uma perspectiva de quais eram os grandes problemas: testagem, atendimento médico e isolamento. E aí fomos apresentar um projeto para o Todos pela Saúde, que era o recurso destinado pelo Itaú Unibanco para ações de combate à pandemia. E quando a gente foi apresentar isso, eles falaram: “a gente quer fazer um centro de isolamento”. E a gente falou: “Centro de isolamento? Será que vai dar certo esse negócio?”. E eles: “A gente está fazendo em vários lugares do Brasil e vamos fazer um centro de isolamento”. E a gente falou: “Bom, então tá! Vamos fazer um centro de isolamento na Maré, vamos colocar em uma unidade de saúde, a gente reforma a unidade de saúde e deixa esse legado para essa unidade de saúde de lá. Então já vai ser uma coisa boa”. E aí foi uma negociação muito difícil com a prefeitura. Uma prefeitura que dialogava muito pouco. Fomos conversar com o secretário de saúde, tinha muitas resistências... E aos poucos foi tendo um retorno, porque esses centros não estavam tendo adesão, as pessoas não queriam sair de suas casas. Então a gente reformulou essa ideia e pensou para a Maré um programa – porque era só a Maré que ia receber o centro, inicialmente –, um programa de isolamento domiciliar, para que as pessoas pudessem seguir o objetivo que era se manter isolado, isolado em casa. Então a gente entrega kit de higiene, kit de limpeza, alimentação, a SAS dá o suporte psicológico, a gente faz visitas quando necessário com as técnicas de enfermagem, com os articuladores. A gente conseguiu construir esse tripé: testagem, telemedicina e isolamento domiciliar. Isso foi a parte da Maré. Manguinhos começou a operar um pouquinho depois, já tinha o atendimento médico e em seguida também começou a ter testagem. Então esse foi o projeto do Conexão Saúde.

AL – Mas, antes de eu fazer mais perguntas sobre o Conexão, você teve alguma participação naquele debate em que a Redes está inserida e que acabou culminando na lei, em uma lei proposta pela deputada Renata?

LA – Renata Souza.

AL – Isso. E que ia culminar no edital aqui na Fiocruz. Você acompanhou? Você poderia falar um pouquinho para a gente?<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Nota do copidesque: essa chamada à que a pergunta se refere aconteceu em 2021.

<https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-e-favelas-fiocruz-lanca-chamada-publica-de-apoio-populacoes-em-favelas>

LA – Não, quem acompanhou isso foi a Lidiane [Malanquini]. Inicialmente, eu e Lidiane, que é coordenadora do eixo de segurança pública, a gente estava se dividindo nas ações de saúde. Ela ficou com essa frente mais de *advocacy* e de mobilização, acompanhando as reuniões e a preparação, ela e Eliana acompanharam. Eu não fiquei nessa parte, fiquei nessa parte mais operacional e de colocar o projeto para rodar. E, agora mais recentemente - porque a Lidiane teve que ir para outras funções -, eu voltei a acompanhar essa parte do edital, o que vai acontecer, algumas reuniões com movimentos de favela, mas eu não estive diretamente ligada, apesar de que eu acho que foi uma grande vitória.

SK – Você poderia detalhar esses vários elementos do projeto Conexão Saúde? O Dados do Bem, esse projeto da telemedicina, para a gente entender melhor como é que se estruturou isso e como é que foi a recepção dessas propostas pela própria comunidade, a participação, o engajamento, a recepção e o engajamento nisso.

LA – Então, vamos lá pelas frentes primeiro: Dados do Bem, esse aplicativo. Foi criado no período da pandemia, então não é nem uma organização, é uma iniciativa. E a ideia era utilizar a inteligência artificial para poder localizar pessoas sintomáticas e direcioná-las para polos de testagem e permitir um certo controle em saúde de pessoas sintomáticas. Então há uma pessoa que testa positivo, ela pode indicar outras cinco pessoas para testar também, para tentar encontrar esses contactantes, o que é uma das medidas consideradas essenciais para contenção da pandemia, e que o governo não está fazendo.

SK – Quem desenvolveu esse aplicativo, Luna?

LA – É uma parceria com o Instituto D’Or, a Zoon, que é uma empresa de tecnologia e a pessoa de referência que tem trabalhado com a gente é o Fernando Bozza, que é pesquisador da Fiocruz, é intensivista do INI [Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas/Fiocruz] e também foi criador do Dados do Bem. O Bozza fazia essa ponte entre a parte mais de saúde pública mesmo, que é a infraestrutura da Fiocruz, e a tecnologia dentro do nosso projeto. Junto com a Fiocruz. A Fiocruz garante os testes e o processamento dos testes e o Dados do Bem serve como esse canal de contato do morador, que relata os seus sintomas e que é indicado para a tenda de testagem. Inicialmente na Maré era uma tenda só, hoje em dia a gente está com uma equipe móvel, que cada dia da semana está... Além dessa tenda, desse lugar, a gente tem outra equipe que fica circulando pela Maré, porque a Maré são 16 favelas, 140 mil pessoas, então é gigante. É um território só de 4 quilômetros, mas é muita gente. A gente está tentando expandir. A gente também tem essa equipe móvel e aí o aplicativo permite não só encontrar e direcionar essas pessoas, mas também ir identificando onde são as localidades que estão tendo maior prevalência de contágio, porque ele gera um mapa, gera os indicativos do perfil das pessoas que estão se contaminando, idade, então tem toda uma parte também de produção de dados. E o Dados do Bem também faz essa notificação no GAL [Gerenciador de Ambiente Laboratorial], que é o sistema nacional de vigilância. Os nossos dados vão diretamente também para o painel de covid, para o governo. E o SAS BRASIL é uma organização que inicialmente surgiu ... Vou contar as histórias que eles contam, eu espero que esteja certinho... Eles surgiram no Rally dos Sertões, que são essas corridas... Eu nem sei exatamente o que é, mas vão uns carros para o meio dos sertões. E tinha um braço social do Rally dos Sertões, que era levar acesso à saúde para localidades que tinham

difficuldade de acessar, porque ficavam a quilômetros de distância de grandes equipamentos de saúde. O que eles faziam era uma triagem *online* das problemáticas e dificuldades daquela população e levavam, através de uma carreta, unidades de atendimento especializado para tentar responder àquelas demandas de saúde e facilitar o acesso com especialistas. Quando veio a pandemia, eles falaram: “Bom, a gente não pode ir para essas localidades de sertão, interior do Brasil, porque a gente vai sair dos grandes centros, onde estavam os médicos, para levar, contaminar essas pessoas. Como é que a gente pode utilizar os nossos conhecimento dentro da pandemia?”. E foi nesse período que trocou, mudou uma lei, teve uma alteração nesse atendimento da telemedicina, permitindo o atendimento não mais médico–médico, mas também médico–paciente diretamente. E eles falaram: “Então vamos fazer isso, vamos conectar as pessoas para terem atendimento médico *online* durante a pandemia, elas não precisam ir nas unidades de saúde e a gente monitora as questões de covid e também faz atendimento daquelas questões que estão contingenciadas por conta da redução dos atendimentos nas unidades de saúde”. Eles começaram em São Paulo, acho que Jardim Colombo, depois vieram para o Alemão, e aí depois vieram para Maré e Manguinhos, trazendo essa tecnologia. No caso deles, em específico, a gente teve que trabalhar bastante próximo das unidades de saúde. Então a gente visitou todas as unidades de saúde, conversou com todos os gerentes, conversou com os ACS [agentes comunitários de saúde], com a farmácia... Eles emitem uma prescrição médica, às vezes pedem exame laboratorial. Tem todo um diálogo com as unidades de saúde. A gente fez isso, conversou com a CAP [Coordenação da Atenção Primária]. Inicialmente, eu acho que, como sempre, tem uma certa resistência. Uma organização de fora que vem para dizer que tem atendimento médico, gera uma certa desconfiança. Eu acho que a desconfiança foi se desfazendo à medida que o trabalho foi sendo executado e que os próprios moradores traziam retorno de que tinham sido bem atendidos, que tinham resolvido aquele problema, dos diálogos entre as unidades de saúde e o próprio SAS, de melhoria desse fluxo de informação. Então, inicialmente, foi mais difícil mesmo, mas depois funcionou bem. Na Maré são 7 unidades de saúde, então é bastante trabalho de diálogo. E a Redes da Maré operacionalizando a estrutura desse galpão de testagem e também a parte do programa de isolamento domiciliar, que a gente faz de uma maneira compartilhada: a Redes e a SAS Brasil, porque eles fazem toda essa parte de atendimento médico e psicológico, tem essa equipe de técnicas de enfermagem que podem ir na casa do paciente caso ele esteja grave e precise de algum apoio. A Redes faz uma parte também mais social dos insumos, de levantar as condições daquela família, de fazer conexão com os serviços públicos. Acho que é, mais ou menos, o resumo das organizações na parte operacional. Aí tem a União Rio, que faz essa conexão entre parceiros e conseguem doação. Conseguiram doação, por exemplo, de [máscaras] N95 para o projeto, eles captam recursos, fazem toda essa parte de articulação. E Manguinhos faz uma operação própria, aí eu não posso comentar sobre a operação de Manguinhos porque vocês tem um especialista aqui. [risos]

AL – Luna, no início da pandemia, início dessa movimentação do Conexão Saúde, um cenário das 7 unidades de saúde da Maré. O que mudou de lá para cá? Teve algum tipo de alteração, recursos humanos, mudança de OS [Organização Social]? Permaneceu a mesma coisa? Se você pudesse fazer uma narrativa dessa trajetória nesse um ano de pandemia em relação às unidades de saúde da Maré.

LA – É, isso dá uma entrevista inteira, hein gente? Quando começou a pandemia estava a gestão do prefeito Crivella. As unidades de saúde, a atenção primária como um todo, vinha sofrendo já há anos cortes em termos de financiamento, recursos humanos e apoio

em geral. A gente viu ao longo dos anos a atenção primária diminuir essa cobertura e suas condições mínimas de cuidado. Já era uma calamidade. Chegava lá na unidade e a gerente falava que não tinha papel para imprimir receita, que não tinha atadura para fazer curativo, os aparelhos de ar-condicionados estavam todos quebrados. A gente tem uma unidade de saúde na Maré que opera com um gerador há anos. E aí tem queda de energia ou acaba o diesel do gerador, fica sem luz. Aí queimam os aparelhos. Aí tinha queimado a geladeira, a geladeira das vacinas. As vacinas tinham que sair até o meio-dia, porque senão não dava tempo e iam estragar. Então, assim, ca-ó-tica a situação da saúde, desastre completo. E aí, é claro, um dos nossos problemas para trazer o Conexão Saúde era isso, às vezes a gente precisava falar assim: “A gente pode fazer esse encaminhamento e vocês fazem isso aqui?”. E aí eles falam: “A gente não tem condição de fazer mais nada. A gente está operando no limite da nossa capacidade”. E na pandemia tinha todos os trabalhadores que eram grupo de risco, que não podiam ir, e as unidades de saúde tentando entender então como é que elas iam trabalhar... Desastre completo. É muito triste, eu também já escrevi sobre isso, quando você pensa a estrutura do SUS, a estrutura da atenção primária diante da pandemia, poderia ter sido um grande instrumento de contenção. E a gente não pôde utilizar, porque estava completamente sucateado e deixado de lado. É aquela coisa assim: “Ah, se a gente tivesse investido talvez as coisas fossem melhor, não é?”. E não investiram. Teve a mudança da gestão agora, em janeiro, eu acho que é muito pouco tempo para dizer realmente o que vai acontecer em termos de mudança. Está tendo regiões que vão mudar a OS [Organização Social]. A Área Programática da 3.1, que é a nossa, ainda não teve abertura da disputa do edital, mas provavelmente vai ter. A gente sente que é uma... Tem uma tentativa de organizar as coisas, de fazer formação com os profissionais, já está tendo essa movimentação e até de uma certa exigência em relação aos dados, às entregas. Do que eu estou vendo hoje em dia eu acho que tem muita exigência para poucas condições, melhorias das condições de infraestrutura. Agora querem fazer um painel com dados das unidades de saúde, mas não tem papel para imprimir os dados, sabe? Eles pedem uma coisa, mas não dão o papel, não dão a impressora, não dão a tinta, é isso que a gente está vivendo agora. Então teremos que aguardar para ver o que eles vão fazer.

AL – A Maré sofre, assim como outros territórios de favela da cidade, com o controle de grupos armados. Então, a gente tem grupos ligados às milícias, há uma facção A e uma facção B. A Redes da Maré está instalada numa determinada região. Como que está sendo? Porque o projeto Conexão Saúde ainda está em andamento, a tentativa de alcançar pessoas que moram em áreas que não são da facção onde está instalada a Redes. Tem tido algum tipo de barreira? O que tem sido feito para superar, caso ela exista?

LA – É, essa é uma questão complexa. Vocês fazem umas perguntas difíceis. A Redes inicialmente tinha um prédio na Nova Holanda, mas, hoje em dia, ela tem os prédios também no Parque União, tem onde a gente está, que, na verdade, é considerado Parque Maré, tem a sede nova da [Vila do] Pinheiro. Hoje em dia a gente está em outros lugares do território, inclusive Pinheiro é uma localidade que tem um grupo civil armado diferente do grupo da Nova Holanda, e a gente está presente nos dois lugares. Eu acho que tem uma construção histórica de moradores da Maré construindo esses projetos e trazendo retornos para a comunidade. Então, eu por exemplo, e acho que outras pessoas que circulam, que são trabalhadores da Maré, a gente não sente essa dificuldade de circular. Claro que eu tenho um perfil diferenciado, porque eu sou de fora, eu sou mulher, eu sou branca e no carro tem adesivo da Redes, então eu nunca sofri nenhum momento de questionamento do que eu estava fazendo e eu visito todas as unidades de saúde, eu vou nas 7 unidades

de saúde, de um lado para o outro, passo pela divisa, nunca tive nenhum problema em relação a isso e eu acho que, em geral, os moradores e trabalhadores da Redes que fazem essa circulação conseguem fazer sem serem questionados. Acho que tem uma certa legitimidade do tipo se a gente está fazendo fica um pouco fora disso. Agora, o atendimento à população é diferente, porque tem gente que não se sente confortável de ir de um lado para o outro. A gente estava com o galpão de testagem no Parque Maré, que é ali perto da Nova Holanda. Quem é do Pinheiro, Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Salsa e Merengue, Conjunto Pinheiros, pode não se sentir confortável em ir para aquela área e pode não se sentir confortável porque existe a diferença entre os grupos civis armados e porque realmente se sentem em risco, a depender do perfil da pessoa. Podem pegar um jovem negro e ele pode ser parado do outro lado e podem perguntar assim: “Quem é você? O que você está fazendo aqui?” A nossa tenda de testagem fica do lado da [Avenida] Brasil, então, realmente, a pessoa não entra muito dentro da Maré, não circula muito, mas ela pode sentir que isso é um risco e um desconforto e não ir. Por exemplo, no caso da testagem, o que a gente fez foi criar essa equipe móvel, que é uma coisa nova, que o apoio do Itaú permitiu agora, o segundo apoio que eles deram para a gente, que é um grupo de testagem que vai em diferentes localidades, inclusive no Pinheiros, e que atendem esse outro lado. Eu acho que na parte da telemedicina isso é menos complicado, porque se a pessoa tiver acesso à internet ela vai ter acesso no lugar que for. E, na parte do isolamento domiciliar, também a gente vai, porque somos nós nos deslocando até a casa da pessoa, então isso não dificulta para a pessoa. Mas, sem dúvida, isso é um fator em todos os nossos projetos e a gente tem que pensar sobre isso, não é? Essas dinâmicas do território, como elas complicam? Quais são as dificuldades? Como é que a gente vai responder a elas? De alguma forma, elas acabam moldando também os projetos, como a gente desenha e encontra soluções, mas eu acho que a gente foi encontrando formas de tentar diminuir essa problemática no projeto do Conexão Saúde.

AL – Perfeito. Em um projeto com essa magnitude, certamente, como você bem mencionou já, as diversas organizações da sociedade civil, em diversos territórios, começaram a buscar saídas para o enfrentamento da pandemia, ações de solidariedade etc. O Conexão Saúde teve ou não, está tendo ou não, algum contato com as associações de moradores? Como é que foi esse relacionamento? Além das associações, as outras organizações. A Maré tem dezenas de organizações de desenvolvimento. Teve algum movimento de oposição que você identificou ou de não adesão? Como é que você poderia traçar um cenário para a gente sobre esse contexto?

LA – Então, as associações de moradores... A gente tem 16 favelas, eu acho que são 16 associações de moradores. A gente compõe junto com elas um fórum, que é o FAM, que é o Fórum das Associações de Moradores. A Redes tem uma articulação constante com os presidentes das associações dos moradores, entendendo que eles são atores importantes do território. Desde o início da campanha, a gente construiu ações em conjunto com eles, inclusive eles davam suporte na entrega das cestas básicas, quando necessário, em algumas localidades que eram difíceis de acessar, os presidentes ajudavam a encontrar as famílias. Nas nossas conversas sobre o Conexão Saúde, a gente foi visitar as associações de moradores com a SAS Brasil, por exemplo, conversar e explicar o que estava chegando no território, pedir para ajudar na divulgação. Eles são parceiros meio que essenciais. Claro que são 16, têm perfis diferentes, têm afinidades e desafinidades, mas o objetivo é trabalhar em conjunto para conseguir, como a Eliana diz: “Fazer ações estruturantes para a Maré”. A Eliana é a diretora da Redes. A ideia é a gente conseguir chegar a um mínimo comum e aí esse fórum das associações de moradores, por exemplo, escreve sempre uma

carta para os candidatos à prefeitura dizendo quais são as demandas da Maré. É esforço, é isso, a gente conseguir unificar as demandas para o território e não dividir uma associação que consegue fazer mais coisa do que a outra, mas, realmente, trazer estruturas para a Maré como um todo, que respondam às demandas da população. Em relação aos coletivos, eu acho que falei lá atrás... Em relação às organizações, é o que eu falei anteriormente. A própria Redes nasce de um processo de separação entre grupos que tinham desejos e planos diferentes. Acho que, como em todo processo democrático, você tem organizações que divergem sobre estratégia política, sobre forma de fazer, sobre suas próprias caminhadas. Claro que todos nós, a gente sempre tem esse sonho, até na política nacional, de: “Ah, vai ter uma coalização. Vai todo mundo trabalhar junto e a gente vai unir esforços”, mas a gente sabe que, na prática cotidiana, isso é muito mais complexo. Às vezes, as próprias pessoas envolvidas trazem outras questões que são de níveis subjetivos, questões de suas próprias histórias que dificultam. Às vezes a própria estrutura dificulta. Eu acho que, naturalmente, a gente teve muitas ações no território, então não foi só a Redes que entregou cesta básica, teve outros coletivos entregando. Teve uma Frente da Maré também, que estava fazendo o seu trabalho e era separado da Redes e tudo bem também. Eu acho que o importante... Eu sempre falo isso, não sei se é muito ingênuo, mas eu acho que se a gente tem diferentes coletivos, grupos e instituições, isso é rico, sabe? Eles vão atingir diferentes pessoas. O importante é a gente ter essa diversidade. Eu não tenho essa ilusão do uno, eu acho até que é uma ilusão que ficou um pouco para trás. Eu acho que a gente tem que incentivar realmente a diversidade. O melhor é que essas organizações não tenham um conflito entre si, nem sempre isso é possível, mas se tiver outros coletivos também fazendo entrega de cesta básica, também apoiando a população da Maré e criando projetos, maravilha.

EC – Luna, eu queria fazer uma pergunta em relação a esses parceiros do Conexão Saúde, porque você já falou da SAS Brasil, a iniciativa Dados do Bem, os coletivos, as associações de moradores... Dentro desse processo de constituição e também de funcionamento do Conexão Saúde ao longo desses meses, como é que você vê o papel e a participação da Fiocruz? E, já emendando uma outra pergunta, no lançamento do projeto foi anunciado que a previsão era de um funcionamento de três meses, eu acho que era o plano de financiamento que vocês tinham naquele momento, mas que vem se prorrogando. Então eu queria que você falasse um pouco sobre essa prorrogação de três meses, dois meses, mais três meses, como é que tem acontecido isso em relação ao engajamento das instituições que fazem parte do financiamento. Como é que está funcionando essa questão?

LA – Gente, eu acabei falando pouco da Fiocruz, porque, como vocês são da Fiocruz, eu achei que estava tudo meio subentendido, desculpa. A Fiocruz é uma instituição... Sem ela a gente não teria feito nada disso. Não só a referência de saúde pública, ter o peso da Fiocruz, mas em termos de infraestrutura mesmo, processamento de teste, EPIs, os pesquisadores da Fiocruz que trabalharam com a gente, que sempre se disponibilizaram. Margareth Dalcolmo, por exemplo, que ficou tão conhecida nesse momento, veio para a Maré, veio conhecer o projeto, deu dicas para a gente, conversou, participou do lançamento. A Fiocruz deu toda a infraestrutura, todas as orientações, ofertou todo o possível. E eu sou suspeita de dizer porque eu sou apaixonada pela Fiocruz, então eu acho que, para a gente, é uma honra poder compartilhar esse projeto junto. Ter o Valcler, por exemplo, no Comitê Gestor é excepcional. Eu acho que ele é um articulador político fora do comum, muito inteligente, uma sensibilidade incrível de conseguir conduzir, de orientar, de pragmatismo também de gestão. Essa parceria com a Fiocruz, acho que, pelo

lado da Redes, foi algo que se fortaleceu e a gente tem muito desejo de continuar construindo coisas juntos. Quando a gente pensa esses quatro eixos da Redes, a gente começou a entender, na pandemia, que a saúde deve ser um eixo, que é um eixo que a gente não tinha antes, que estava pulverizado entre os vários projetos e depois da pandemia a gente começa a entender que essa é uma frente que a gente precisa organizar como eixo de atuação da Redes. Só registrando que a gente entende muito o nosso papel como organização da sociedade civil. A gente não tem nenhum interesse ou nem objetivo político de substituir o Estado, a gente entende que a organização da sociedade civil..., o papel dela é exatamente provocar o poder público para cumprir os direitos da população, e a gente sabe das ausências, então a gente trabalha em uma metodologia que é produzir dados, porque ninguém produz dados sobre Maré, sobre Manguinhos, então a gente tem que produzir dados sobre as favelas, sobre as realidades das favelas. A gente com esses dados mobiliza a população e provoca o poder público e fala: “Olha só, a gente está ali fazendo”. Então a gente faz o pré-vestibular para dizer: “Olha só quantos estudantes aqui estão precisando de reforço escolar, que precisam entrar”. A gente atende as mulheres e fala assim para o poder público: “Olha só, política de apoio às mulheres, questões de gênero, vocês deviam estar fazendo isso aqui. A gente está lá fazendo, dá para fazer”. Então esse é o nosso papel. Acabou que, durante o processo da pandemia, porque era tão urgente, a gente se envolveu em um serviço de saúde. A gente está ofertando um serviço de saúde, porque tem testagem, porque tem atendimento médico. Não é a gente, mas a gente está nessa parceria. Mas a gente entende que na área da saúde o nosso papel é entender o que seria um plano perfeito de atendimento de saúde para a Maré. Quantas unidades? Quantos profissionais? Quais são as maiores questões de saúde? Qual é o diagnóstico? Gerar dados sobre isso, ajudar a construir um plano junto com as unidades de saúde, junto com os moradores, mobilizar eles pelo direito à saúde e pressionar o poder público, os governantes, para que se execute. A gente acha que a gente tem que caminhar nesse sentido e a Fiocruz obviamente é uma parceira mais que necessária para ajudar a gente a construir essa caminhada. Essa era a pergunta número um, não é? Sobre a Fiocruz. A pergunta número dois... A minha memória hoje está me testando, porque eu falo para caramba e depois eu tenho que lembrar da pergunta.

EC – É sobre a prorrogação.

LA – É, eu lembro. É sobre a prorrogação. Inicialmente a gente fez esse projeto que era três meses. Com o recurso que eles deram para a gente, em três meses a gente conseguiu fazer cinco. E nesse processo, a gente foi para o Itaú novamente e falou: “Oh, a pandemia está continuando e a gente tem toda essa infraestrutura, vocês podem apoiar a gente novamente para a gente continuar?”. Eles deram um retorno superpositivo e falaram que o que a gente estava fazendo era muito importante, que eles estavam muito contentes de estarem apoiando esse projeto e deram um novo apoio que é para mais três meses, mas que o recurso chegou só agora, então provavelmente vai ser no mesmo estilo. A gente vai operacionalizar com um recurso de três meses por mais cinco meses. Agora a gente tem esse recurso até o início de junho.

SK – Luna, sobre a participação da Fiocruz nesse projeto. Você tem tanta experiência assim em movimentos sociais, nesse engajamento. A gente sabe que, claro, a Fiocruz é uma parceira, é uma referência importante, mas, ao mesmo tempo, a gente sabe que às vezes a participação, vou falar assim, de atores de “fora”... A Fiocruz está ali ao lado, mas ao mesmo tempo é uma outra instituição, é um outro espaço. Você acha que isso de alguma maneira pode ter produzido algum tipo de resistência? Claro que todo mundo quer

ser parceiro da Fiocruz, mas... Entende o que estou dizendo? Alguma coisa assim: “Olha a Fiocruz vai dizer como a favela vai fazer”, uma coisa assim. Você acha que em algum momento houve essa leitura? Do tipo “olha, a gente está aqui se organizando, a gente está procurando os nossos caminhos, a gente quer, claro, a Fiocruz como parceira, mas a gente quer fazer do nosso jeito”. E te perguntar também sobre a UFRJ, ou seja, a relação entre essas instituições de pesquisa, com as suas características, e o espaço social e comunitário e as redes que se constituem no próprio território. Como é que se dá isso? Porque, claro, há alianças, mas também pode haver questionamentos, dúvidas. Como é que você avalia isso?

LA – Eu acho que essa é uma questão delicada. Nas organizações do território isso sempre aparece, como é que se constrói essas parcerias, até porque a gente está em um mundo desigual, onde a produção de conhecimento é entendida como feita em uma certa localidade e por certas pessoas. A gente está falando sobre instituições de pesquisa, sobre esses pesquisadores, quem detêm o conhecimento, o que é entendido como conhecimento, e aí os seus títulos. Isso é uma das coisas que eu converso muito, por exemplo, com o projeto com a Fiocruz. A Fiotec, ela vai pagar um pesquisador, aí o pesquisador tem que ter mestrado, para ganhar um “x”. Aí eu falo, os pesquisadores da Redes são pessoas que não têm mestrado e eles são pesquisadores, entendeu? Então tem todas essas burocracias e questões, pois a gente sabe que vive em um mundo que foi construído a partir da exclusão de certas figuras e de certos conhecimentos. Isso é uma questão. Eu não acho que na nossa experiência com a Fiocruz, no Conexão Saúde, isso tenha se materializado, porque eu acho que a gente tinha figuras como o Valcler, que é uma pessoa que tem uma grande caminhada nesse debate com favelas e que tem uma delicadeza e uma inteligência incrível. Eu acho que ele foi, desde o início, sendo a referência da Fiocruz, uma figura, no Comitê Gestor, de diálogo, de perguntar: “E aí, o que vocês acham? A gente está pensando nisso aqui. Como é que a gente pode ajudar? Como é que a gente faz?”. Eu acho que a gente construiu muito junto. Isso não quer dizer que essa relação se dê sempre assim. Eu posso te falar dessa experiência específica que a gente está tendo agora, eu acho que muitas vezes não tem a ver também necessariamente com a pessoa, tem uma estrutura por trás que acaba acontecendo isso, mas tem certas figuras que conseguem desconstruir um pouco esses processos. Eu acho que com a UFRJ, assim como com outras universidades... A Redes é uma organização que tem muitas parcerias com universidades, com os professores das universidades. A gente sabe da importância que é isso, da importância de ter as universidades do nosso lado, até para legitimar os processos que a gente vem fazendo, construir esse diálogo e levar para dentro das universidades o que está sendo produzido dentro das favelas, dentro da Maré, no nosso caso. A gente traz os estudantes para fazer estágio na Maré, isso para a gente também é muito importante, a formação de futuros profissionais, a gente tem estágios do Serviço Social com a UFRJ. Essas parcerias são fundamentais, mas eu acho que é uma coisa que a gente tem que construir junto, essa mudança de paradigma. Eu acho que as pessoas, às vezes até sem perceber, trazem essa noção de que o conhecimento vem de fora, e, às vezes, os próprios trabalhadores da Redes – e eu canso de conversar isso com os meus colegas de trabalho – não reconhecem os seus conhecimentos como conhecimentos. Porque às vezes fazem de forma muito natural, são articuladores natos, orgânicos, estão ali conversando, desenhando estratégias de campo, aí eu falo: “Gente, isso aqui é metodologia, tá? Vamos escrever isso aqui, porque isso aqui é metodologia, o que vocês estão fazendo”. Tem todo um trabalho aqui que está sendo pensado, executado, criado, de estratégia. “Ah, mas eu só vou ali e converso com a associação de moradores e depois passo na rua tal, falo com sicrano que faz isso”. Então tem um conhecimento que está sendo produzido ali e que

precisa ser valorizado. Tem um movimento de quem está de fora de se colocar em um lugar de construção conjunta e de escuta, mas também tem um movimento de dentro que é de valorizar o seu conhecimento, o seu lugar e ter força para colocar isso. Eu acho que a gente está em um momento de mudança, mas ainda falta muito.

SK – E seguindo nessa conversa, Luna, levando em consideração todo o teu engajamento e a tua inserção nesse projeto, em algum momento você sentiu que, apesar disso, você era vista, ou é vista, como alguém de fora?

LA – Ah, com certeza.

SK – Como é que é isso?

LA – Eu sou de fora. Eu sou claramente de fora.

SK – Como é que você lida com isso?

LA – Eu chego de carro, eu tenho carro. Eu chego de carro, venho de Santa Teresa. Tenho essa carinha de... Cabelo curtinho, oclinhos redondo, eu já sou um estereótipo, não é? Eu acho que faz parte. Eu acho que estar na Maré é um desejo meu de que esse lugar de onde eu parto... É um lugar de privilégio, um lugar que me permitiu fazer um mestrado na França, falar quatro línguas, sabe? Tudo isso é um lugar de privilégio, ter tido o meu pai e a minha mãe como referências, até privilégios que não são econômicos, mas são imateriais. Que esse lugar possa servir... Possa ser colocado a serviço de uma outra realidade. Tem uma parte da Maré em que eu estou ali porque eu quero estar ali. Eu quero que a minha energia, que o meu trabalho esteja naquele lugar. Eu tenho uma realização de trabalho... Às vezes as pessoas acham ... Quem é mais classe média acha que eu sou louca, que eu podia estar trabalhando no centro da cidade e estou indo trabalhar lá na Maré. Mas ver como a minha energia está sendo colocada ali, ver os impactos da minha contribuição e da contribuição de todos os trabalhadores da Redes, me traz uma felicidade gigantesca. Isso, obviamente, é equilibrado com esses olhares que são às vezes mais recriminadores, do tipo: “O que você branca, classe média, está vindo fazer aqui na Maré?”. Eu acho que faz parte esse questionamento, porque tem uma questão de quem tem que ser o protagonista, de quem tem que ser escutado, são os moradores, os trabalhadores da Redes que são moradores da Maré. Mas tem algo que é construir junto também. Como é que a gente... Que é a mesma coisa que a gente estava falando sobre a universidade, a gente traz... A universidade é muito importante, a Fiocruz é muito importante, como é que a gente traz esse conhecimento e essas pessoas para colaborar e para trabalhar junto, como é que a gente reúne essas energias. A Redes da Maré foi criada por moradores da Maré, mas, hoje em dia, no seu corpo de trabalhadores tem pessoas que são da Maré e pessoas que são de fora da Maré. Pessoas que nasceram na Maré e foram morar fora da Maré ou pessoas que não eram da Maré e foram morar na Maré, porque começaram a trabalhar na Maré. Então hoje em dia já é meio que uma mistura. Eu sinto isso, sim. Isso faz parte, até por conta do Conexão Saúde, eu muitas vezes tive que falar em nome da Redes e isso é uma coisa que me provoca muitas reflexões. Bom, estou tentando me colocar à disposição dessa organização e desse território, às vezes eu vou errar e vou aprender com esse processo, não tenho muita culpa. Eu acho que estamos aí para aprender também.

SK – Legal, legal.

TL – Já que a gente está nesse terreno das tensões, conflitos, eu queria saber como, na sua experiência no Conexão Saúde, tem sido o discurso anti-isolamento, a história da “gripezinha”, como é que isso repercutiu entre as associações de moradores. Isso foi muito forte logo nos primeiros meses da pandemia e a gente assistiu à queda de braço entre governadores e o presidente da República em torno de medidas mais restritivas de circulação de pessoas. E surgiu a discussão sobre a falsa dicotomia economia e saúde, economia e vidas. Inclusive, parece que, na época, houve também uma certa repercussão da ideia de que os trabalhadores, os ambulantes, principalmente os trabalhadores mais precarizados, informais, precisavam sair para trabalhar. Partindo do seu engajamento, do seu envolvimento com o Conexão Saúde, como é que você percebeu isso entre as associações e também entre os moradores, o público?

LA – É complexo, gente. Vocês fazem umas perguntas muito difíceis. Porque não é tão dicotômico. É uma dinâmica complexa de entender. Eu venho discutindo muito isso com o Henrique Gomes, que é um dos coordenadores dos projetos de isolamento e que é meu colega de trabalho e uma grande referência na Maré. A gente ficava discutindo o que está acontecendo na Maré. Por que as pessoas não estão usando máscara? Por que as pessoas não estão fazendo isolamento? Essa era a grande questão. E ele via as reportagens na mídia e ficava chateado com as criminalizações que aconteciam... Baile de favela, Baile do Corona e ali no Leblon estava bombando nos bares, mas o Baile do Corona na Maré que é a grande questão. Então tem toda uma problemática, que a gente tem que partir daí, de uma leitura desigual sobre esses processos de adesão e não adesão dos moradores em relação aos protocolos de prevenção e cuidado em relação à covid. Os territórios têm estruturas desiguais, essa era a nossa primeira questão. Moradores de favela, beleza. A Maré não sofreu tanto disso, teve dias sem água, em algumas regiões, não foi exatamente uma parada geral, mas várias outras favelas ficaram sem água no meio da pandemia. Ponto um: como lavar as mãos? Primeiro, a parte da prevenção. Como é que as pessoas tinham condições de lavar as mãos? Ponto dois era a estrutura das casas, a ventilação. Ficar em casa é, necessariamente, se prevenir? Se você está numa casa com outras pessoas, se uma sai para trabalhar e volta e pode estar contaminando as outras quatro, ficar em casa necessariamente é se cuidar? Depois tem que falar da questão trabalhista. Muitos dos moradores de favela têm um trabalho que não é CLT, que é informal, então não tiveram proteção para poder ficar em casa. Muitos foram despedidos e então tinham que fazer os seus “corres”, tinham que conseguir gerar recurso, renda. Esse é o elemento histórico que precisa ser considerado antes de tudo. E o Henrique então traz essa tese, que a gente espera logo poder escrever um artigo sobre isso, é importante dizer que é dele, de que os moradores de favela convivem com uma relação com a morte que é diferente de outros lugares da cidade. Não só por conta das operações policiais que colocam a vida deles constantemente em risco e que matam os seus familiares, os seus vizinhos e as pessoas do seu entorno, mas também as condições estruturais em que uma pessoa pobre vive essa relação com a morte. Quando é criança pode morrer de problemas de saúde, por contaminação, por falta de atendimento médico, as pessoas se alimentam, muito mal, porque é mais barato comprar um biscoito do que comprar uma fruta, então tem um monte de gente que tem problemas com diabetes, a prevalência de doenças respiratórias na Maré – três grandes vias atravessando a Maré, circundando a Maré –, então as pessoas têm problemas respiratórios. Então a morte é uma constante. E de repente você fala assim: “Gente, além de tudo isso que pode matar vocês, tem esse vírus e se protejam, porque esse vírus pode te matar”. Mas bom, se a morte é uma constante e eu tenho na minha vida a sensação de que eu posso sempre morrer por múltiplas vias, inclusive saindo da minha

casa para ir para o meu trabalho e ser alvejado, ou como o caso de um dos trabalhadores da Redes, o filho dele indo para a escola e ser alvejado, o que é um vírus? É só mais um elemento da morte, é só mais um elemento dessa necropolítica, entendeu? Eu acho que é muito diferente para alguém de classe média, que tem uma perspectiva de vida de viver até os 80/90 anos e de repente morrer por uma questão de saúde de velhice, você falar que tem um vírus que eu, com 30 anos de idade, posso me contaminar e posso parar no hospital e ficar entubada. E é diferente de uma pessoa com a minha mesma idade que teve... Os meus amigos falavam assim: “Cheguei com 30 anos de idade, não estou acreditando que eu cheguei a 30 anos de idade”. A sensação da morte é muito mais constante. E falar para ele: “Não anda na rua, porque você pode se contaminar e ser entubado e morrer”. São relações muito diferentes. Eu acho que, antes do governo, tinha uma estrutura histórica. Por isso, quando a gente fala das unidades de saúde, a gente pode falar muito mal da antiga gestão, porque ela foi responsável por uma das piores situações da saúde do Rio de Janeiro, mas tem um problema histórico que governos anteriores também permitiram que acontecesse. Tem uma estrutura histórica que faz com que moradores de favela tenham mais dificuldade de aderir aos protocolos. E depois tem o governo, que é um governo que é tudo o que vocês já sabem, que não comprou vacina, que falou que era uma gripezinha, que minimizou o tempo todo o sofrimento e as mortes, que deu essa sensação de bate-cabeça. O Ministério da Saúde, quando tinha o [Luiz Henrique] Mandetta falava uma coisa, ele [Bolsonaro] ia lá e desautorizava, e aí troca e coloca o [Nelson] Teich, o Teich fica pouquíssimo tempo. E coloca o general [Eduardo Pazuello], o general era interino, fica mais tempo, sai. É uma confusão generalizada e rola umas *fake news* adoidadas. Eu recebo no meu Whatsapp umas *fake news* que eram assim: “Descobriram que covid não é vírus, na verdade é uma reação à entrada da internet 5G da China e os russos...” Assim, nesse nível, textão de Whatsapp. E trabalhadores da Redes às vezes, da manutenção, vêm me falar: “Olha só, Luna. Recebi esse negócio aqui. É verdade?” Ainda tem isso, que é todo o processo de *fake news*. É muito complexo, tentei resumir várias teorias aqui, porque é bem complexo.

SK – Bom, a gente podia ficar horas falando disso aqui, porque você traz um elemento de reflexão superimportante. A gente tem discutido muito o tema do negacionismo e eu acho que você traz uma dimensão importante que é essa dimensão de percepções diferenciadas sobre o que é o risco, sobre o que é a morte, como você falou, sobre o que é a própria doença e a ciência, inclusive. E aí eu estou trazendo aqui uma reflexão minha, me parece que as pessoas, em geral, que falam contra o negacionismo nas mídias e fazem um trabalho fundamental de divulgação e de conscientização das pessoas sobre a importância dessas medidas de isolamento e de enfrentamento da pandemia, de valorização da ciência, muitas vezes não levam em consideração essa realidade que você está trazendo, que é muito importante, que é a perspectiva de quem vive essas experiências de modo muito diferente. Então acaba às vezes afastando, não é? As pessoas ficam falando: “Olha, como é que pode as pessoas não se darem conta de que tem que fazer o isolamento, o distanciamento, usar máscara, porque é uma doença tão perigosa?” É isso que você está falando, numa circunstância social e cultural e econômica como essa, é claro que vai ser entendido de modo diferente. A minha pergunta para você, você falou das *fake news*, é como é que você acha que esses grupos, nesse espaço social particular das favelas, lidam com o tema da informação. E se, de alguma maneira, a Fiocruz é uma fonte de informação para essas pessoas? Nessa confusão que a gente vê, nesse momento de tantas incertezas para todo mundo... A vacina X, a vacina Y. Quem as pessoas buscam? Nesse exemplo que você deu, a pessoa chegou para você e falou: “Luna, isso aqui é

verdade?”. Quais são as instâncias que as pessoas buscam para terem informações sobre a pandemia?

AL – Complementando. Dentro desse contexto, as igrejas evangélicas e as suas produções de discurso, de narrativas dentro do território.

LA – Gente, eu estou dando aqui as minha opiniões, hein? Esse embasamento precisa ainda ser refletido. Não sei se...

SK – Isso, a gente está pensando junto.

LA – É um bate papo.

SK – É um bate papo, a gente está pensando, levantando bolas e jogando junto.

LA – Eu acho que sou um pouco pessimista. Eu acho que não, eu acho que a Fiocruz não é uma referência para as pessoas. Eu acho que as universidades não são uma referência. Eu acho que a política se faz no micro. Quando eu estudei a questão da participação, para mim ficou mais claro que a política se faz por proximidade. E esse é um dos grandes problemas, a esquerda debate grandes ideias, mas quando você não tem pessoas próximas a você que são de esquerda, que acreditam naquele ideal, que constroem, você não vai ser de esquerda. É tipo: como é que você escolheu o seu time de futebol? Eu não sei vocês, mas quando eu nasci eu ganhei do meu padrinho, do Ary Miranda, uma camisa do Flamengo. E pronto, eu virei Flamengo. É claro que política, a gente pode fazer correlações com um time de futebol, não é exatamente assim, mas o que eu digo, e essa é a minha crítica à falta de trabalho de base da esquerda, muitas vezes entre os meus amigos. Quando chegam as eleições, as mães, as pessoas me procuram, e falam: “Ah, você é envolvida com a política. Em quem eu voto para vereador? Me faz uma lista dos 5”. E eu faço lista dos 5 vereadores em que eu acredito. E essas pessoas escolhem entre esses 5 e são pessoas que fizeram mestrado e doutorado, que são profissionais liberais, porque a política... Dá trabalho se envolver, estudar, pesquisar, sei lá o que, não sei exatamente. Vou com alguém que eu confio. A política se faz assim, a gente conversa e a gente acredita em quem está próximo da gente. Eu, como eu imagino vocês, não tenho condição de ler a quantidade de notícias que sai por dia. E olha que eu sou uma pessoa que me interessa pela política. Sabe o que eu faço? Eu chego à noite, meu marido é jornalista, a gente vai jantar e eu falo assim: “E aí, quais foram as principais notícias do dia?”. E ele me dá um adendo do que aconteceu no país, porque na Maré eu não vejo nenhuma notícia. Às vezes está bombando, acontecendo alguma coisa e o Bolsonaro falou alguma merda e eu nem estou sabendo, e eu chego em casa e descubro que mudaram o ministro da saúde. E eu confio no que ele me diz e eu confio nas análises do que ele me diz sobre o que saiu nas notícias. Então eu acho que, infelizmente, se a gente quer mudar a estrutura de informação, a gente precisa incentivar e informar núcleos de informação que sejam de pessoas e de localidades. A gente precisa ir para o micro, é o micro que vai modificar. É claro que a Fiocruz lança um relatório dizendo que, se as escolas abrirem, a gente vai ter sei lá quantos “x” mortos. Pô, isso é muito importante, isso vai para a imprensa, isso vai sair no jornal, Rede Globo, SBT, as pessoas vão ver no jornal isso, com certeza. Então tem a sua importância, mas quando a gente está falando de *fake news*, quando a gente está falando de mudança de discurso, não é isso que vai mudar o discurso das pessoas. O que muda o discurso das pessoas vai ser o pastor dele falar: “Gente, então, a situação está muito ruim e a gente vai ter que fechar a igreja, infelizmente. Vamos ter que passar para

o *online*”. Isso é que vai fazer a diferença. Falando sobre as igrejas, a gente também tem esse esforço de dialogar com as igrejas da Maré. Tem algumas igrejas católicas históricas, tem muitas igrejas evangélicas. São muitas, então é muito difícil de ter esse diálogo permanente, mas quando a gente foi, por exemplo, entregar as quentinhas para a população em situação de rua, foram eles que vieram para serem voluntários e foram muitas pessoas que.... Na verdade, sem eles a gente não teria conseguido fazer aquelas entregas que a gente fez. É uma galera que parou para: “Vamos ajudar vocês a entregar essas quentinhas”. Quando eu estou na Cena, às vezes aparece gente da igreja lá. São eles que estão trabalhando com a população em situação de rua muito antes da gente. Quando eu estava nas carceragens da Polícia Civil era a mesma coisa. A gente estava indo lá, mas quem estava mesmo todos os dias eram as igrejas. Então, salvo as críticas, todo o respeito a essas pessoas que se colocam à disposição para estarem em situações complicadas. É claro que junto com isso pode vir e vem muitos discursos negacionistas, *fake news* etc. E eu acho que a forma de a gente resolver isso e contribuir é estar ao lado deles, ser parceiro, ser uma pessoa de confiança, trazer informação. Como eu te falei, indo em um comércio comprar um negócio e o fulaninho que vê a gente todo o dia e aí conversa, fala: “Bem, mas esse negócio dessa vacina chinesa. Eu não sei não se eu vou tomar”. Aí você fala: “Não, mas imagina só quantas vacinas você já não tomou?” A gente conversa. E talvez naquele momento ali aquela pessoa fale: “É, verdade. Eu já tomei tanta vacina e nunca perguntei se era da China, se não era da China. Eu vou tomar essa vacina”. E foi ali um que a gente conseguiu convencer a tomar a vacina. Eu acho que é assim.

TL – Eu acho interessante a sua fala, porque evidencia bem essa ideia de que a confiança no final das contas vai sendo construída nessas microrredes que são feitas e refeitas no cotidiano.

LA – Sim!

TL - E, por outro lado, por vezes, tem a crise das instituições, também passa por uma crise da representação política. Eu acho que essa é uma questão que você deve em algum momento na sua dissertação ter pensado também, refletido a respeito. Na verdade, quer dizer, há um afastamento. Muito do que vem é lido como uma coisa exógena, alienígena, porque não há de fato a construção do que você está chamando de trabalho de base.

LA – Sim.

TL – Que seria uma ação mais cotidiana junto dessas populações. Eu acho bem interessante.

LA – Muitas vezes, eu escuto essa crítica em relação às igrejas de uma maneira muito extrema. Como se a gente não tivesse responsabilidade. É a mesma coisa da eleição do Bolsonaro, quando as pessoas postam assim: “Ah, quem votou no Bolsonaro agora se fudeu”. Sinceramente, todo mundo está se fudendo e todos nós somos responsáveis por ele ter sido eleito, do porquê uma parte da população considerou que esse discurso ia resolver os problemas. Isso é responsabilidade nossa, da esquerda, que não foi fazer trabalho de base, que deixou um vácuo, que as igrejas ocuparam com uma narrativa conservadora. Porque a gente podia estar lá fazendo, igreja, teologia da libertação, que foi o que criou MST, o PT nos anos 1980. A galera estava lá construindo junto. E política não é sentar e fazer um comício político, política é construir a vida. Na igreja as pessoas aprendem a tocar instrumentos, elas têm senso de comunidade, elas têm referências de

ajuda, quando elas passam perrengue é a igreja que elas vão procurar. Por que a esquerda não tem um espaço assim? Não precisa ser um espaço religioso, mas um centro cultural, aonde as crianças vão lá e vão aprender instrumentos, onde vai ter referência, onde vai ter acolhimento, onde vai ter comunidade. A política tem que se construir assim no dia a dia. As organizações da sociedade civil tentam fazer algo nesse sentido, tentam estar nesse lugar, mas passam por outras complexidades, até a própria manutenção da existência, tem que fazer projeto e responder a financiador etc. Então eu acho que falta militância, que é tipo estar lá e não é uma questão de renda, de fazer um projeto, para uma organização acontecer, é estar no cotidiano das pessoas. E eu acho que o negacionismo a culpa é nossa, permitimos que isso acontecesse. Quando foi a eleição do Haddad e as pessoas falaram: “Ah, conversei com o meu porteiro. Conversei com a minha empregada”. Eu falei: “Gente, vocês foram conversar agora? Sinceramente, estamos muito mal, porque vocês tinham que estar escutando eles há anos. Não é conversando com eles, é escutando essas pessoas”. Porque é essa ideia do conhecimento que a gente vem falando, da universidade que vem achando que tem todo o conhecimento, da esquerda folclórica que acha que sabe tudo, que acha que vai chegar lá na hora, vai virar o voto e vai garantir que o PT venha de novo ao poder. Essas coisas não se fazem assim, gente. E eu acho que o Bolsonaro, a eleição do Bolsonaro deu um banho de água fria no que é a construção política. Ou a gente aprende ou a gente vai tomar outro tsunami daqui a dois anos. Na verdade é um ano, daqui a pouco.

SK – Luna, essa conversa sobre confiança é muito importante. E eu vou de novo trazer a figura da Fiocruz, a visão da Fiocruz. Você falou, por exemplo, sobre a questão das informações. Você falou que não é a Fiocruz que as pessoas procuram. Claro que essa é uma pergunta muito genérica, as pessoas vão pensar isso de maneira muito diferente, isso não é uma coisa tão simplificada assim, mas, na sua percepção, você acha que as pessoas confiam na Fiocruz? E se confiam, confiam por quê? Eu estou fazendo uma pergunta muito do seu *feeling* sobre isso, entendeu? Não é aquele discurso: “ah, a Fiocruz é uma instituição importante”. Existe essa confiança? Porque eu acho que é disso que a gente está falando, de uma confiança que passa não necessariamente por uma racionalidade. As pessoas gostam da Fiocruz?

LA – Eu acho que, dependendo de com quem a gente está falando, as pessoas nem sabem que a Fiocruz existe.

SK – É isso que eu estou te perguntando.

LA – Esse lugar. Eu estava outro dia acompanhando um usuário nosso no hospital, no Evandro Freire, aí eu fui sair para comprar um lanche. Veio um menino falar comigo, ele estava trabalhando, vendendo coisas. Aí ele falou: “Me compra um lanche”. E eu falei: “Acabei de comprar um lanche para o menino que eu estou acompanhando. Vim lá da Maré”. Ele falou: “Ah, eu não acredito, você é da Maré?” Eu: “Não, eu trabalho lá”. Ele falou: “Ah, eu também sou da Maré, sou da Baixa, sei lá o que...”. Aí eu falei: “É, eu trabalho na Redes. Você conhece a Redes?”. Ele não tinha a menor ideia. Ele não conhece nem a organização que está no território, que tem jovem aprendiz, que tem pré-vestibular, que tem curso de dança, que está todo dia ali, que tem 200 trabalhadores e metade deles mora e trabalha na Maré. Tem uma coisa da percepção da vida que essas pessoas... Claro, a Fiocruz está o tempo todo na televisão, ela é uma grande instituição, são perspectivas diferentes, eu só estou usando como exemplo para dizer que, dependendo da situação em que aquela pessoa se encontra, da vivência dela, a Fiocruz nem existe. É aquele castelo,

sei lá, aquele bando de árvore que aparece no meio da Avenida Brasil e que a gente não sabe o que é. E mesmo as pessoas que são mais letradas, que tiveram mais tempo... A Fiocruz é muito complexa. Eu conheço a Fiocruz porque tive uma experiência de vida. Mas é Museu da Vida, é Casa de Oswaldo Cruz, é ENSP, é Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, é produção de vacinas, é hospital, sabe? É muita coisa. Então às vezes fica até difícil de definir o que é a Fiocruz, o que as pessoas conhecem. Às vezes, elas podem conhecer parcelado. De repente, foi para o Museu da Vida em uma coisa da escola, de repente alguém da família foi fazer um curso de formação lá na Escola Politécnica. Pode ter umas referências, mas entender a Fiocruz, eu acho que são poucos que conhecem e entendem a Fiocruz.

SK – E o Castelo? As pessoas têm curiosidade de ir lá? As pessoas vão lá? As pessoas sabem que podem ir lá?

LA – Não, eu acho que muita gente não vai, não conhece, nunca foi. Por exemplo, os meus amigos que moram na Maré, Manguinhos, Alemão, às vezes que eles passaram lá foram tirar uma foto da estátua do meu pai. Eu tenho uma coleção de fotos dos meus amigos do Cerro Corá, que passaram lá, tiraram a foto e me mandaram: “Aqui, estive com o seu pai hoje”. Tem pessoas que circulam, estou falando de figuras que são jovens de favelas etc., mas não entram no castelo, por exemplo. Não entraram no castelo. Ficaram ali, andaram no entorno, foram para o Museu. Eu acho que o museu é o lugar que é mais aberto, assim, ao público.

SK – Esse exemplo que você deu é maravilhoso, porque você vê como é que o vínculo se cria pelos laços afetivos. Essa ideia das pessoas que você conhece, no seu cotidiano na Maré, que vão à Fiocruz e fazem um vínculo com a instituição porque tiraram uma foto com o seu pai, é genial. Porque o que está ali para eles não é o Castelo, é o Castelo produzido pelo afeto que vem de você, que vem do seu pai. É muito legal isso.

LA – E as pessoas que trabalham comigo hoje em dia, por exemplo, que eram pessoas que foram voluntários na Redes... Quando a gente conseguiu o Conexão Saúde, que tinha algumas vagas, a gente trouxe essas pessoas que tinham trabalhado de voluntárias. Tinha muitas pessoas que não conheciam a Redes anteriormente, que tinham outro perfil. E tem essa coisa, os testes saem de lá e vão para a Fiocruz. Então, por exemplo, as pessoas que levam os testes nunca tinham ido para a Fiocruz. E eles me traziam esses relatos tipo: “Ah, eu passei em frente ao castelo e falei para o motorista: ‘Esse aqui é o pai da minha chefe, hein?’ E ele não acreditou. Não acreditou que você era a filha do Sérgio Arouca, ele disse que era mentira. Na próxima vez que ele vier aqui eu vou te apresentar”. Aí veio e me apresentou o motorista da Fiocruz, o motorista da Fiocruz não acreditou que eu era filha do Sérgio Arouca. Ficou superfeliz, ficou supercontente. E falou que já tinha feito churrasco com o meu pai, que tinha comido feijoada, sei lá o que. Tem tudo isso, para as pessoas lá do trabalho a Fiocruz é ir lá e passar na estátua e tirar foto com o meu pai, mas havia pessoas que moram do lado da Fiocruz e não tinham ido para a Fiocruz.

SK – Muito legal, muito legal isso. Gente, eu vou continuar com esse assunto.

LA – Só me digam quanto tempo mais, porque eu tenho mais uma outra reunião que tenho que ir.

SK – Está bom, querida. Desculpa. Eu esqueci de perguntar seu teto, o seu tempo. São quinze para meio-dia e eu acho que a gente tinha combinado até meio-dia.

LA – Isso.

SK – É meio-dia? Meio-dia a gente termina, é isso?

LA – É, isso.

SK – Então eu vou rodar a conversa de volta para a gente focar no Conexão Saúde. Eu vou te convidar um dia para falar sobre esse tema do negacionismo, viu, Luna? Porque isso é muito importante. Eu acho que a sua visão é fundamental, *fundamental*. Mas isso é outro assunto, a gente fica em contato depois.

EC – Luna, em relação a esse tema de como as pessoas percebem a Fiocruz, em relação também à questão das informações, das *fake news*, mas voltada para a questão da vacina. Como é que na cabeça dessas pessoas com que você convive na Redes Maré, como é que aparece essa relação entre vacinação e a Fiocruz? Como vocês têm pensado lá dentro do Conexão Saúde em fazer algum tipo de campanha de informação relacionada com a vacinação? Como é que vocês estão vendo essa questão?

LA – Isso é uma das questões dessa última etapa do projeto, porque a gente pediu para o Itaú um novo apoio e a gente já estava, isso foi em dezembro, pensando que a gente tinha que se preparar para a vacinação. Uma das coisas que a gente fez foi construir um questionário, que a gente aplica na Maré todas as semanas e a gente faz um levantamento sobre uso de máscara, percepção em relação à pandemia e a gente também pergunta da vacina. Quando chegar a sua hora, se você vai ser vacinado ou não e por quê? A gente fez o piloto disso, para checar as perguntas, e essa semana a gente começou a aplicação final desse instrumento. Eu ainda não tenho os resultados, mas o que a gente está fazendo é tentando levantar essas percepções e, a partir disso, construir peças de comunicação e de vídeos com a nossa equipe de comunicação que possam responder às dúvidas, às *fake news* e orientar a população. Hoje, inclusive, a gente está filmando nas unidades de saúde com a nossa equipe e com o coordenador da CAP como é que está sendo a vacinação nas unidades de saúde, para divulgar isso, para mostrar como é que funciona. Então estamos nesse esforço. Eu acho que tem um movimento que é duplo, que depende do momento. Tem algo que é a adesão das unidades de saúde, os agentes comunitários de saúde, o PNI [Programa Nacional de Imunizações]. Tem toda essa estrutura de vacinação que faz parte da vida das pessoas. Se você tem uma criança, é meio que mandatório você ir lá vacinar, é difícil você encontrar famílias que não tiveram essa conduta. É claro, famílias que estão em extrema vulnerabilidade, acontece, mas, no geral, as famílias sabem que tem que ir lá, a campanha de vacinação vai vacinar, tem que ir no postinho, que é como eles muitas vezes chamam. A gente fez uma parceria com a Pacheco durante a pandemia para vacinar com vacina tetravalente, para gripe. A gente colocou um posto com a Pacheco lá com os seus funcionários e a gente ia nas ruas e falava: “Gente, estamos dando vacina tetravalente, quem não tomou pode vir”. E as pessoas vinham. Era tipo assim: vacina, vamos lá tomar vacina então. Tem uma cultura da vacinação que eu acho que é significativa e que, às vezes, eu acho que ela é até mais forte em territórios de favela, que têm essa cultura das campanhas de vacinação, dos ACS irem nas casas e em outras localidades da cidade. O problema dessa vacina em específico, que muitas pessoas falam, é a rapidez com que ela foi criada. Então as pessoas não entendem como pode ter sido

criada tão rápido, não entendem o que é o esforço do mundo inteiro, de todas as empresas e do dinheiro que esse conhecimento vai gerar. Então as pessoas têm essa dúvida. E com a desinformação e o conflito que esse governo fez e a politização que ele fez em relação às vacinas, então virou uma zona, não é? O que era uma coisa que já ia dar problema virou uma esquizofrenia de informações. Isso gerou uma dúvida que eu acho que a gente não teria normalmente, a não ser em pequenas questões, e aí de repente virou: “Ah, mas é a vacina da China ou é a vacina lá dos outros gringos?” “Mas essa vacina parece que foi cancelada em algum lugar”. E as informações ficam saindo na mídia. As pessoas vão sendo pegadas de maneira fragmentada e vão construindo imaginários. Então a Coronavac não pode, porque é da China, a outra que a Fiocruz está produzindo foi cancelada em algum lugar, parece que alguém morreu, a gente não sabe quem é, se suicidou ou morreu, não se sabe dessa informação, parou a produção em São Paulo... Essas informações vão entrando e vão construindo um imaginário de dúvida e de medo, as pessoas têm medo. Eu acho que, nesse sentido, a Fiocruz aparece como produtora de vacina. Eu acho que, agora, as pessoas entendem a Fiocruz como quem está produzindo as vacinas, mas, a depender da situação, nem sempre em um sentido de confiança. Eu acho que tem uma coisa meio do tipo: “Ih, será que é essa vacina? Será que vai dar certo? É essa que eu tenho que tomar?”. Tem gente que me manda mensagem, tecedores da Redes mais graduados, tipo: “Qual é a vacina que eu tenho que tomar? É a Coronavac ou é a Astrazeneca? Qual é a melhor?” Eu: “Gente, eu não tenho a menor condição de opinar sobre isso”. Se me derem a vacina eu estou aceitando qualquer uma, mas eu não sei qual é a melhor. Então todo mundo fica e está meio confuso, não é? Porque a gente não tinha isso antes, a vacina era a vacina, estava todo mundo tomando a vacina.

SK – Mas alguém fala explicitamente contra a vacina, não como dúvida, mas como negação mesmo, tipo: “Olha gente, não tomem essa vacina. Não tome vacina!”. Tem?

LA – Ah, tem. Nesse levantamento piloto que a gente fez tinha pessoas que, quando a gente perguntava “Você vai tomar vacina?”, elas falavam: “Não, porque é da China, porque ela não é segura, porque ela vai me contaminar, então eu não vou tomar vacina”.

SK – Mas existe um movimento organizado? A igreja ou algum outro grupo? Existe um discurso organizado contra? Você sente isso? Ou é mais uma coisa assim “não sei bem, tenho dúvidas, não vou tomar, porque tenho medo, porque sei lá, não confio”.

LA – Não sei, pode ter. Eu não sei, eu não tenho como afirmar isso.

SK – Você não percebeu isso?

LA – Não.

SK – Luna, vou pedir para você ficar em contato conosco para compartilhar os resultados disso, porque eu acho muito importante a gente continuar essa troca. Eu tinha uma outra pergunta, mas eu estou preocupada realmente com a tua hora. A gente está falando de confiança, de como as pessoas veem e confiam ou não. Como é que as pessoas veem o SUS? Como é que as pessoas lidam com essa ideia do Sistema Único de Saúde?

LA – É complexo também o SUS [risos]. Não sei, isso é uma pesquisa que eu quero fazer também. Tem uma coisa de que as unidades de saúde nunca conseguiram exercer o seu grande potencial. Muitas vezes a relação do acesso à saúde perpassa uma sensação de

descaso ou de demora ou de falta de cuidado. Eu, por exemplo, outro dia estava acompanhando esse usuário e eu acabei parando no [Hospital Municipal] Evandro Freire com ele. A gente foi para a unidade de saúde às 9 horas da manhã, pedi uma ambulância, ela chegou meio-dia e a gente foi para o Evandro Freire, e no Evandro Freire demorou duas horas para ele ser atendido. Quando ele foi atendido, ele não queria mais ficar, ela falou: “Eu vou te internar, mas você vai ficar na cadeira”. E ele falou: “Eu não vou ficar na cadeira. Por que eu vou ficar aqui? Vou ficar lá na Cena”. E voltou para a Cena com o pé todo inchado, infeccionado, é capaz de ele perder esse pé. Muitas vezes a relação das pessoas com o sistema de saúde parte desse lugar, que é do lugar da espera, da angústia, do ter tentado ir para um hospital e não ter conseguido ser atendido. Agora na pandemia, amigas minhas da favela perderam a avó, tentando oxigênio, não tinha oxigênio. Eu acho que a percepção do SUS em geral é uma percepção negativa. Diferente da gente que conhece a história de luta e fala: “A gente foi capaz. O Brasil, um país desse tamanho, construiu um Sistema Único de Saúde. Veja só, como é que é nos Estados Unidos, as pessoas têm que escolher como e o que elas vão pagar”. A gente sabe disso. Quem tem um sistema de saúde que nem a gente é só a Inglaterra, que é um país que explorou o resto do mundo inteiro e usou as suas riquezas para se enriquecer, entendeu? Agora para as pessoas, a relação com o SUS é uma relação muito ruim, infelizmente.

AL – Ainda sobre a questão da confiança e voltando ao projeto do Conexão Saúde. Você falou de vários parceiros aí privados e da disseminação da ideia de uma *accountability*, de uma prestação de contas, especialmente em projetos como esse. O Conexão Saúde tem alguma previsão de estabelecer algum processo de avaliação desse projeto e de prestação de conta, do quanto foi investido, quantas são as pessoas atendidas? Eu sei que tem um estranhamento eu te fazer essa pergunta, é que realmente a gente precisa entender a capacidade desse projeto de ser uma tecnologia social no sentido de uma replicabilidade... Nos anúncios do projeto vinculados sempre tem essa expectativa de replicar essa experiência em outros territórios similares.

LA – Eu acho que isso é uma das nossas pendências, que a gente está tentando trabalhar no Comitê Gestor, que é como a gente compartilha essa tecnologia, esse conhecimento. Eu acho que tem uma parte que já é compartilhada nos boletins que a gente publica a cada 15 dias. Agora a gente está na 29ª edição e desde a 25ª a gente está fazendo uma coisa em conjunto, Maré e Manguinhos. A gente presta contas dos atendimentos, dos números de teste, das entregas dos kits, quantas pessoas que a gente trata estão em isolamento, então eu acho que já é uma primeira prestação de contas. Acho que agora o nosso compromisso é levar isso para as unidades de saúde, conseguir transformar o material do boletim, a gente vinha conversando sobre isso. Ir para uma reunião de gerências, apresentar, fazer oficinas nas unidades de saúde, trazer esse material para eles. O Itaú contratou também um instituto de opinião, a Locomotiva, para acompanhar o nosso projeto e entender o impacto. Eu estou entendendo que eles vão fazer um trabalho de percepção dos moradores, quem acessou, quem não acessou, nesse sentido eu acho que pode ser outra forma de dar um retorno. E o que a gente está tentando fazer internamente é construir esse fluxo de informação entre as organizações para que a gente possa publicar esses dados. Então tem algumas delicadezas. O SAS trabalha com atendimento médico, são dados sigilosos, então a gente não pode trabalhar diretamente com esses dados; a gente está tentando ver, colocar em comitê de ética para a gente poder acessar esses dados de maneira anônima, mas fazer uma produção sobre o diagnóstico, um diagnóstico da prevalência de doenças durante o período da pandemia, as demandas que apareceram para eles [pequena falha no áudio]. O Dados do Bem, como não são dados necessariamente

sigilosos, a gente consegue ter um perfil das pessoas, as doenças que colocam ali. Eu acho que agora o nosso processo é realmente organizar essas informações para ter elas de forma mais consistente e organizada à disposição da população.

SK – Maravilha. Gente, eu acho que é meio-dia, vamos encerrar. E Luna, eu não sei se você quer falar alguma coisa para a gente encerrar. Fica à vontade, se você quiser complementar alguma coisa.

LA – Eu acho que agradecer.

SK – Nossa, a gente é que agradece.

LA – Eu acho que falei para caramba. Eu espero ter podido contribuir com o processo que vocês estão fazendo. Eu acho que essa metodologia da história oral é superimportante, eu usei isso várias vezes nas nossas oficinas também com o MST e fazia esses registros, que são registros mais subjetivos dessas histórias que vão sendo construídas, é superlegal. Para mim é sempre um prazer poder dialogar com qualquer unidade da Fiocruz. Eu acho que é isso, estar com vocês também me lembra muitas coisas boas e revitaliza essas sensações. E eu acho que especialmente estar com o André aqui, que é o nosso parceiro no Conexão Saúde, com quem a gente trava ali esforços ideológicos no nosso grupo para conseguir ser escutados de alguma forma e também construir isso, é superimportante. Então adorei ter também o André e bater essa bola. Acho que tem outras coisas para a gente conversar depois e é isso. Agradecer a vocês terem me chamado.

SK – Nossa, a gente que agradece. A gente agradece demais, acho que a conversa é ótima. E a ideia é um pouco essa mesmo, de registrar as percepções de cada um. Você nunca teve nenhum vínculo oficial, formal melhor dizendo, com a Fiocruz, não é?

LA – Quando eu tinha quinze anos eu fui aluna PIBIC da Fiocruz.

SK – Ah é, onde?

LA – Na parte de Biologia. Era uma bolsa que era para ensino médio e eu trabalhava...

AL – Provoc.

SK – Provoc, Provoc.

LA – É isso, Provoc. E eu fazia uns negócios, nem lembro direito, mas eram uns caramujos que levavam uma doença, nem lembro mais direito.

SK – Esquistossomose.

LA – Isso, exatamente. Eu não consigo mais nem falar mais o negócio. Então eu acho que esse foi o meu único vínculo real [risos] com a Fiocruz.

AL – Daqui a pouco vai fazer doutorado. Calma, calma, calma. [risos Luna]

SK – Olha, Luna. Eu queria te agradecer muito. Foi muito bacana. Eu gostaria, inclusive, depois, de manter contato com você para outras atividades que a gente faz lá no nosso

departamento de História das Ciências e da Saúde. Quero te convidar para, se você tiver tempo, amanhã vai ser a aula inaugural do nosso Programa de Pós-Graduação de História das Ciências e da Saúde, que vai ser com um historiador que vai falar sobre negacionismo, eu acho que é bem legal.

LA – Que horas?

SK – Eu vou te passar depois. André, passa para ela o contato por favor, a divulgação. Mais uma vez te agradecer demais. Foi um prazer te conhecer e eu tenho certeza absoluta que você está dando continuidade a essa história que seus pais construíram e eles estão muito orgulhosos. No dia em que a gente tiver saído desse pesadelo, vamos combinar de nos encontrar e tirarmos nós uma foto lá com a estátua do seu pai.

LA – Ah sim, adoro.

SK – Depois a gente dá uma voltinha ali e se conhece pessoalmente e a gente cria esse vínculo de afeto, como a gente estava falando.

LA – Vou adorar, com todas as fotos.

SK – Muito legal. Luna, muito obrigada, querida. A gente depois te dá retorno.

*[encerramento da entrevista]*